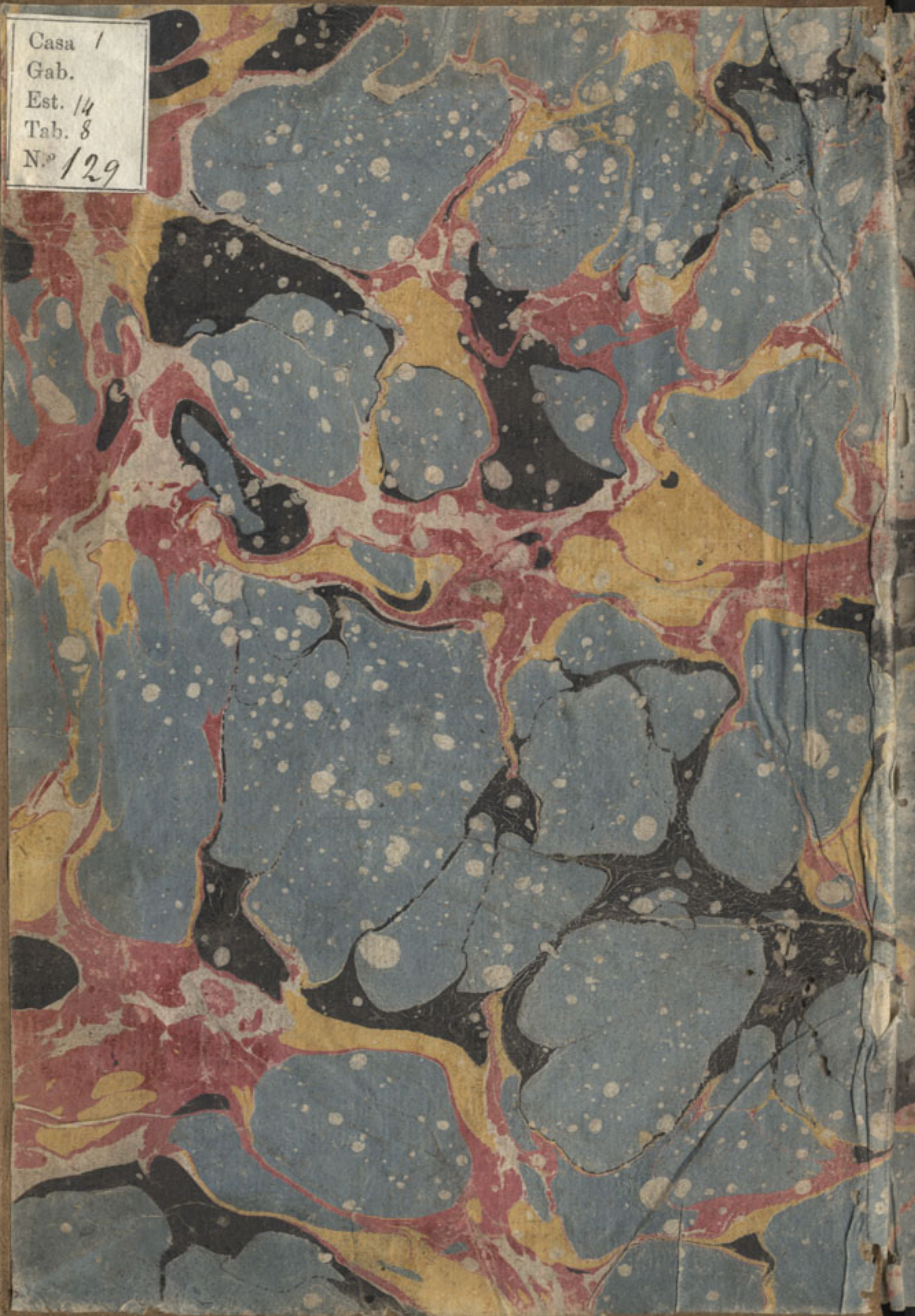
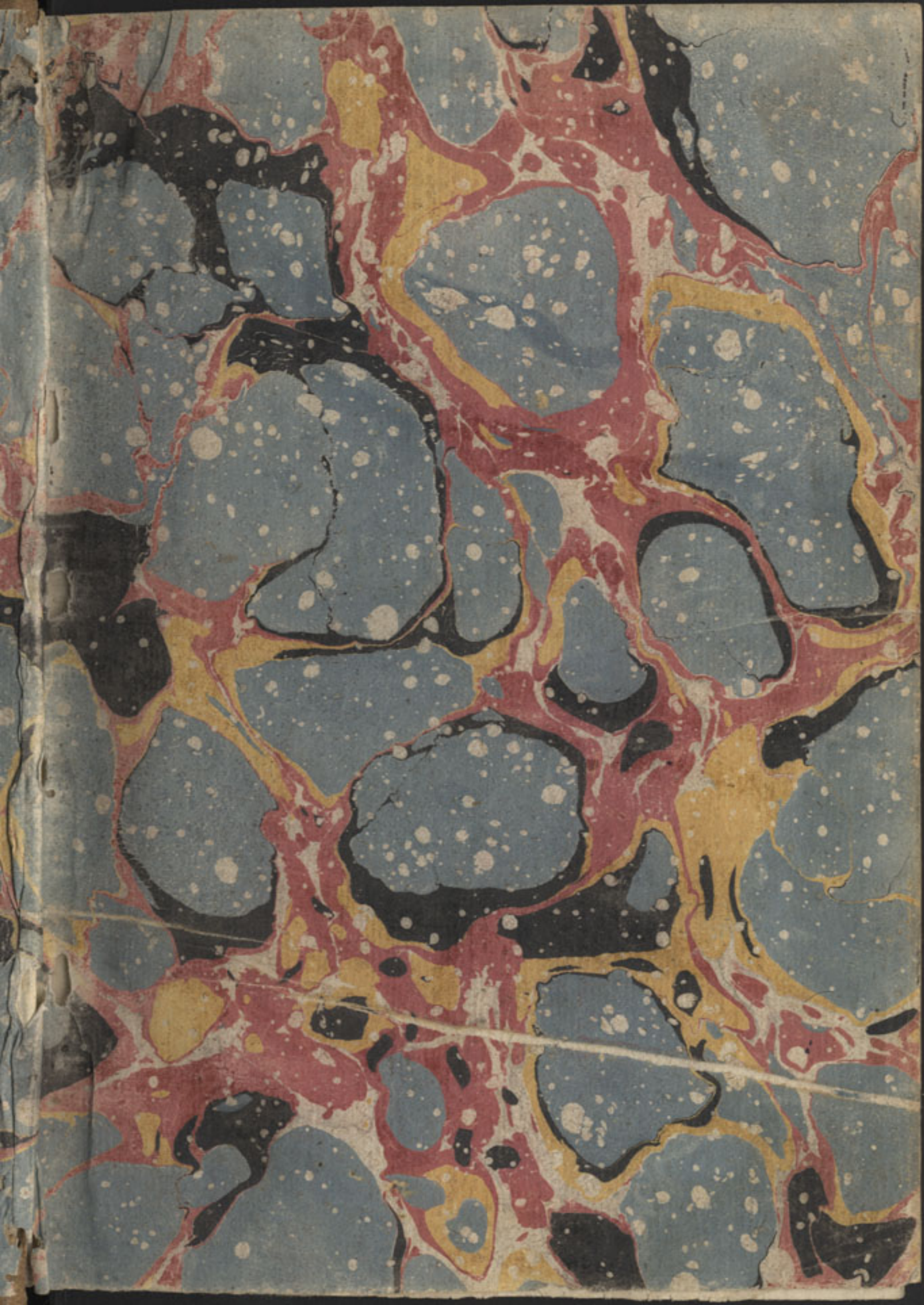




Casa /
Gab.
Est. /4
Tab. 8
N.º 129





21-7-20-9

1
14
8
129

21.7.9



CHRONICAS
DE
DAMIÃO
DE GOES

CHRONICAS

DE

DAMIAO

DE GOS

CHRONICA
DO SERENISSIMO
PRINCIPE
D. JOAÕ

ESCRITA

Por DAMIAÕ DE GOES,

*Dirigida ao munto Magnanimo e Poderoso
Rei D. Joaõ III. do nome*



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade,

Anno de MDCCLXXX.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral sobre o Exame, e
Censura dos Livros.*

Foi Taixado este Livro a 480 reis em papel.

CHRONICA

DO SERENISSIMO

PRINCIPLE

D. JOAÕ

ESCRITA

Por DAMIAO DE GÓES

Dirigida ao muito Magnanimo e Poderoso
Rei D. João III. do nome



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade

Anno de MDCCXXX.

Com Licença da Real Mesa da Universidade Real de Coimbra e
Censura dos Livros.

Foi Taxado este Livro a 400 reis em papel.

PROLOGO.

*NA CRONICA DO PRINCIPE D. JOAM
dirigida pbr Damiam de Goes ao muito Ma-
gnanimo e Poderoso Rey D. Joam III.
do nome.*



CRAVE negocio commette, Serenissimo Rey, quem ou por obrigação, ou por lhe fer mandado se dispõem adar novo testemunho dos feytos, e proezas de Reys, e Principes, cujos merecimentos são taes, que a razão obriga a louvallos, e a industria a trabalhar para com arte, e prudencia se encomendarem á escritura, máy da eterna memoria; e pois nisto o peso da materia poem espanto, ainda que o que se escreve não fosse por outros tentado, quanto será mais de arrecear, se as mesmas cousas são já compostas, e divulgadas por outros escritores; por que he cousa clara por se a mais juizos quem de vontade escreve historia, que o que tem obrigação de o fazer, e muyto mais, se trata de feytos de Reys, e grandes Senhores, por que nestes se requiere alto estylo de escrever, grande ornamento de linguagem, subtil, e discreto arteficio rhetorico, e isto tão temperado, que o descuydo do escritor não cegue a glo-

gloria do que trata, nem o desacostumado modo, de dar cores desnecessarias ao que quer dizer, faça suspeyta de pouca fé, e parece ser a tal escriptura mais imitação de tragedias fabulosas sob cor de verdade, que estylo historico, no qual se requiere certa noticia do que se trata e inteysra fé no que se conta, e grande prudencia no que se escreve: pelo que a historia tem em si tanta magestade, que nella se não póde soffrer palavra nenhuma, que no lugar em que se poem não traga consigo gravidade, honestidade, e authoridade, ás quaes leys, e jugo, a que o estylo historico está sujeito, e de quem com razão não póde sahir, aos que por obrigação satisfazem com seus trabalhos tudo aquillo que nelle he, essa obrigação os desculpa da mór parte da culpa, em que escrevendo podem cahir; mas quem sem ser chamado se offerece a taes perigos, e sem ter obrigação se aventura a tratar de negocios, de que não possa dar boa conta, digno he por certo de ser muy reprehendido, se nessa parte não mostrar que tomou empreza, de que possa sahir com honra, e acabar com louvor; e tomando eu este risco, claro he que armo laços, em que não huma so vez, mas muytas deverei vir a cahir, se as causas, que me moueraõ a
to-

tomar este trabalho , não fossem de qualidade para com o favor de V. A. me poderem dar todo o soccorio necessario contra aquelles que quizessem arguir , e tachar minha tenção , de querer reduzir a Chronica de ElRey D. Affonso V. do nome des do nascimento do Principe D. Joaõ seu filho, até que elle faleceo, a melhor modo , e ordem da em que anda divulgada , o que nas mais Chronicas deste Reyno seria tambem necessario fazerse , se o tempo a isso de si dêsse lugar , porque nellas faltaõ muitas coufas , que por negligencia , ou refeyo do trabalho os Chronistas passados deyxáraõ de escrever , e assentar nos lugares , em que o fio da historia dá manifesto final do descuydo que nelles houve. A qual historia como de Principe, que lhe he taõ chegado em sangue, e parentesco , e taõ conforme em virtude , & grandeza de animo , e semelhante em titulo , nome , e dignidade , V. A. receba da maõ deste seu leal criado , e sua conhecida feytura , com aquella vontade , com que costuma aceytar os serviços de seus vassallos , favorecer , e honrar suas conzas , posto que sejão indignas de tamahos premios , como saõ os com que V. A. satisfaz os trabalhos tomados por seu serviço.

tomar observaciones, y así se llama de creyendo
para tener un favor de V. A. no se podrá dar
sede a lo que es necesario para que se
pueden hacer, y así se llama de creyendo
que se reduce a la historia de V. A. y así
lo V. de nombre de nacimiento de V. A.
Deseo también que sea el estado, y así
nada es orden de un que sea el estado, y así
que sea más Chronica de V. A. y así se llama
bien necesario para el estado de V. A.
de la historia, porque se llama de V. A.
las, que son necesarias, en el estado de V. A.
lo es Chronica de V. A. y así se llama de V. A.
ver, e así se llama de V. A. y así se llama
historia de V. A. y así se llama de V. A.
nada se llama de V. A. y así se llama de V. A.
que se llama de V. A. y así se llama de V. A.
co, e así se llama de V. A. y así se llama de V. A.
e así se llama de V. A. y así se llama de V. A.
dignidad, V. A. y así se llama de V. A.
estado, e así se llama de V. A. y así se llama de V. A.
votos, como que se llama de V. A. y así se llama de V. A.
de los vassallos, favorecer, e así se llama de V. A.
as, por lo que se llama de V. A. y así se llama de V. A.
más, como se llama de V. A. y así se llama de V. A.
vassallos tomados por los señores



CAPITULO I
 DO NASCIMENTO DO PRINCEPE
 DOM JOAÕ
 E DE OUTRAS COUSAS,
 que no mesmo anno passáraõ no Reyno.



RREY D. Affonso V. filho de ElRey D. Duarte casou com a Infanta Dona Isabel, filha do Infante D. Pedro seu tio, irmão legitimo do mesmo Rey D. Duarte, da qual Senhora houve o Principe D. Joaõ, Rey XIII. destes Reynos, segundo do nome, que nasceo em Lisboa nos Paços de Alcaçova aos tres dias do mez de Mayo de 1455. E porque minha tençaõ he nesta Chronica declarar por annos todas as cousas, que no discurso della puder alcançar, que se nestes Reynos passáraõ, começarey logo neste primeyro a seguir a ordem, que nisso tenho persupposto de levar, no qual anno aos 20. dias de Mayo fez ElRey D. Affonso Marquez de Villaviçosa D. Fernando Conde de Arrayolos, filho segundo de D. Affonso Duque da Bragança, e deu de juro, e herdade o lugar de Goes a Diogo da Silveyra seu Escrivaõ da Puridade, e Veador mór das obras do Reyno, por casar com Dona Beatriz de Goes, filha de Fernaõ Gomes de Goes senhor deste lugar, e à Cidade de Coimbra deu privilegio, porque he quitava a dizima velha do pescado, que se pagava na

Rey
 A pro-

portagem, e a Fernão de Moura Cavalleyro deu a jurdição da Azambuja com poder de tirar, e pôr Tabelliões, e aos quinze dias de Agosto deste anno armou ElRey Cavalleyro o Infante D. Fernando seu irmão em Lisboa com tanta solennidade, que quasi o menor apparato desta pompa foy precederem diante deste magnifico acto mil tochas, das quaes levavaõ quatrocentas Cavalleyros, e as seiscentas Escudeyros dos mais luzidos da Corte, todos vestidos de hum trajo, e librè. Alguns dizem que isto foy no anno de 1456. mas de qualquer modo que fosse, elle foy o mais solenne acto, que de sua qualidade nestes Reynos depois se fez.

C A P I T U L O II.

De como bautizáraõ o Principe, e o modo que nisso se teve.

E LRey D. Affonso era muito inclinado ao serviço de Deos, e muy obediente aos costumes, e Constituições da Igreja Romana, pela qual razaõ, ainda que na Capella de S. Miguel dos paços de Alcaçova, ou em qualquer sala, ou camera delles pudera mandar bautizar o Principe, com tudo, posto que contra opiniaõ de muytos, que davaõ razoens, que de todo não eraõ pera engeytar, seu parecer foy que acto taõ solenne se devia fazer publicamente para contentamento do povo, e alegria de toda a Cidade; pelo que oyto dias depois que a Rainha pario, que foraõ 11. do dito mez de Mayo, o Principe foy levado á Sé com grande pompa, e nella bautizado. Os Padriños, segundo Garcia de Rezende, foraõ o Infante, o qual não nomea, mas por razaõ devia de ser D. Henrique tio de ElRey, e o Prior do Crato D. Vasco de Ataide, Madrinhas, segundo o dito Garcia de Rezende, a Infanta Dona Catharina irmãa de ElRey, e a Marqueza de Villaviçosa, e Dona Beatriz de Vilhena, mulher de Diogo Soares. E segundo o que compoz a Chronica de ElRey

Rey D. Affonso, foraõ Padrinhos o Duque de Bragança, e D. Vasco de Ataide Prior do Crato, e Dona Beatriz de Vilhena. O Infante D. Fernando, irmaõ de ElRei, levou o Principe nos braços até a Sé, cuberto de hum pallio de panno de ouro, o qual levava D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, e D. Vasco de Ataide, Prior do Crato, que hiaõ diante, e D. Fernando, Conde de Arrayolos, que dahi a poucos dias ElRei fez Marquez de Villaviçosa, e D. Fernando seu filho mayor, que depois foi Conde de Arrayolos, que hiaõ detraz. O faleiro levava D. Fernando de Menezes, e o gomil, e bacia da offerta Leonel de Lima, que depois ElRey Dom Affonso fez Visconde de Villanova de Cerveyra, com titulo de Dom para elle, e para Joaõ de Lima seu filho, Guarda mór que foy do mefmo Principe D. Joaõ; e quem bautizou o Principe naõ affirmo, porque o Chronista diz que foy D. Joaõ Bispo de Seuta, que depois foy Bispo da Guarda, e Garcia de Rezende diz que foy o Arcebispo de Braga, o qual naõ nomea: e pois estes dous Escritores, que ambos foraõ quasi deste tempo, differem entre si, que fará quem de taõ longe ha de hir buscar as coufas, que quer tratar na verdade? mas como minha tençaõ seja mais escrever a Chronica deste alto, e magnifico Principe, que reprehender erros alheyos, passarey adiante, deixando o testemunho destas duvidas aos que entaõ foraõ presentes.

C A P I T U L O III.

De como o Principe foy jurado por herdeiro legitimo do Reyno.

DEpois que o principe foy bautizado, logo dahi a poucos dias ElRey Dom Affonso fez ajuntar os Estados do Reyno em Lisboa, aos quaes entre outras coufas propoz, que sua tençaõ era fazer jurar o Principe por verdadeyro herdeyro de seus Reynos, posto que fosse de taõ pouca idade, como era. E porque a taõ justa petiçaõ

naõ havia cousa, que se pudesse contrariar, todos lhe tiveram em mercê taõ boa lembrança, pedindolhe que fosse logo, pois alli estavaõ juntos para fazer o que lhes Sua Alteza mandava: para o que feyto o apparatus que se a tal negocio requeria, naõ sendo o Principe de mais idade que de hum mez, foy solennemente jurado por herdeyro do Reyno, e dalli por diante Dona Joanna sua irmãa, que até entaõ se chamava Princeza, deyxou o nome, que já por razaõ lhe naõ pertencia, e se chamou Infanta. Nas festas, que na nascença do Principe, bautismo, e juramento da successaõ dos Reynos se fizeraõ em Lisboa, e por todo o Reyno, naõ curo gastar tempo, porque todo o juizo discreto deve bem entender com quanta pompa, e alegria se deviaõ de celebrar, principalmente em Reyno, onde os vassallos saõ taõ costumados a quererem Rey natural, e naõ Estrangeyro; o que pudera acontecer, se a Rainha naõ parira mais que a Infanta Dona Joanna. Neste anno de 1455. se desquitou ElRey D. Henrique o IV. de Castella da Infanta Dona Branca, filha de ElRey D. Joaõ de Navarra, e se casou com a Infanta D. Joanna, filha da ElRey D. Duarte de Portugal, irmãa de ElRey Dom Affonso, da qual naceo a Infanta Dona Joanna, que se depois chamou Excellente senhora, por cujo respeyto succederaõ grandes guerras, e desconcertos entre estes Reynos, e os de Castella, como ao diante se dirá.

C A P I T U L O IV.

Do recado que o Duque Philippe de Borgonha mandou a ElRey D. Affonso sobre o caso da morte do Infante D. Pedro, e da trasladação de seus ossos.

O Corpo do Infante Dom Pedro, depois que o matáraõ na batalha da Alfarroubeyra, que foy huma terça feira 20. dias de Mayo de 1449. foi enterrado na Igreja de Alverca, onde esteve algum tempo em huma sepultura desigual á sua pessoa, e merecimentos, o que sabendo Do-
na

na Isabel sua irmãa cazada com D. Philippe Duque de Borgonha, de alcunha o Bom, além de por suas cartas ter asperamente reprehendido ElRey Dom Affonso seu sobrinho por caso da desastrada morte do Infante seu irmão, ella se queyrou tambem ao Papa Nicolao V. supplicandolhe que sob pena de obediencia mandasse a ElRey D. Affonso, que desse aos ossos do Infante a sepultura, que lhe ElRey Dom João seu pay mandára fazer no Mosteiro da Batalha; e vendo a Duqueza como ElRey andava prolongando o que lhe pedia, sem para isso aproveytarem admoestaçoens, que lhe o Papa a seu requerimento tinha feytas, tomou outro conselho, que foi mandarlhe pedir os ossos do Infante para lhe dar a sepultura, que a hum tal Principe se devia, e para se este negocio pôr com brevidade em effeyto, fez com o Duque seu marido que mandasse sobre isso por Embayxador a ElRey hum Jangufridius Adaião de Vergi, homem de muyta estima, e em que havia muytas letras, e prudencia, o qual depois de chegar a Evora, onde ElRey estava, a primeyra cousa, em que trabalhou, foy por vivas razoens em huma publica oraçaõ, que perante elle, e os Senhores do Reyno fez em lingua Latina, mostrar quanta culpa ElRey tivera na morte do Infante, dando a maior parte della aos que o mal aconselháraõ, escuzando nessa parte o melhor que pode a pouca idade de ElRey, porque nisso dobrava a culpa dos imigos do Infante, e assim em requerer que os amigos, e criados do Infante, e a Infanta Dona Isabel (filha de D. Jaymes Conde de Urgel) sua mulher, e filhos fossem restituídos em suas honras, e dignidades, e amparados e mantidos de ElRey, e aos que as fazendas eraõ por respeyto do Infante tomadas, lhas tornassem, e que além de tudo isto desse aos ossos do Infante D. Pedro a sepultura, que de direito era sua, e não o querendo fazer lhos leyxasse levar comfigo à Duqueza, para lhes dar em Borgonha a que mereciaõ. O que assim proposto, temendo ElRey que por meyo do Embayxador os amigos, e criados do Infante furtassem a ossada, mandou a Lopode Almeyda que secretamente a levasse ao Castello

tello de Abrantes, o que elle fez com muyta diligencia. Jangufridius depois de ter tratado o negocio, a que viera, se tornou com a resposta de ElRey para o Duque, e Duqueza, de que ficáraõ satisfeytos pela tençaõ, e vontade que lhes por suas cartas declarou ter às cousas do Infante D. Pedro, como depois mostrou: porque movido pelas admoestações do Pontifice Nicolao, e do mesmo Duque Philippe, e da Duqueza Dona Isabel sua tia, e muito mais pelos rogos da Rainha sua mulher, cujo amor renovara à nascença do Principe, alèm de perdoar a todos os culpados no caso do Infante D. Pedro, e declarar na mesma carta, data 20. de Julho de 1445. que nem elle, nem os que com elle foraõ, cahiraõ em caso de traigaõ, e lhes mandar restituir todos seus bens, fez trazer os ossos do Infante de Abrantes ao Mosteyro da Trindade de Lisboa, e dahi ao Mosteyro de Santo Eloy da mesma Cidade, donde com grande pompa acompanhado dos principaes senhores do Reyno foraõ transladados ao Mosteyro da Batalha, e postos na sepultura, que ElRey seu pay na sua propria Capella para elle, e para todos seus filhos, a cada hum separadamente mandára fazer.

C A P I T U L O V.

De como faleceo a Rainha Dona Isabel, mãy de ElRey D. Joaõ.

NAõ puderaõ tanto os desgostos, que a Rainha passava, e revolvía em seu coração por caso da desaltrada morte do Infante D. Pedro seu pay, que ella com sua virtude, e manifesta bondade não resistisse tanto a taõ continuos trabalhos até que por suas oraçoens, e lagrimas alcançasse de Deos duas cousas, que sobre todas dezejava, das quaes huma era deyxar a ElRey seu senhor, e marido de seu matrimonio filho macho, que succedesse na herança destes Reynos; a outra alcançar delle sepultura honroza para os ossos do Infante seu pay, as quaes duas cousas acaba-

badas em hum anno, faltava a terceyra, que era fazer fim de tantos males, quantos se lhe por ventura poderaõ seguir, se muito vivera: assim que depois de parir, e sendo já feita a trasladação dos ossos do Infante D. Pedro, logo na entrada do Inverno do mesmo anno ElRey se foy para a Cidade de Evora, onde alguns dias depois a Rainha adoeceo de fluxo de sangue com sospeita de lhe terem dado peçonha, porque a juizo de Medicos parecia mais doença dada, que adquirida por má disposiçaõ, que se naquelle tempo em sua pessoa pudesse conhecer, da qual doença sem haver remedio, que lhe pudesse valer, acabou sua vida aos dous dias de Dezembro do dito anno de 1455. dando com muyta paciencia, e humildade sua alma nas mãos do Senhor Deos, de quem a recebera, cuja morte foy de ElRey, e dos mais do Reyno muy sentida, e sobre tudo daquelles, que eraõ da criaçaõ do Infante D. Pedro, porque em a perderem perdiaõ o escudo de seu amparo. O corpo da Rainha foy levado ao Mosteyro da Batalha, onde com muita solennidade o pozeraõ em huma Capella das do Cruzeyro em sepultura per si, e acabado o mez ElRey lhe mandou fazer o mais solenne saymento, que até aquelle tempo foy visto, nem ouvido que se nestes Reyros fizesse a nenhuma Raynha, isto foy em Janeyro do anno de 1456. No qual anno ElRey mandou trazer de Toledo a ossada da Raynha Dona Leonor sua madre, onde falecera, e a fez transladar com grande pompa, e solennidade ao mesmo Mosteyro da Batalha à propria sepultura de ElRey D. Duarte seu marido; a qual ossada trouxeraõ consigo ElRey D. Henrique, e a Raynha Dona Joanna sua mulher, filha de ElRey D. Duarte, quando se viraõ com ElRey D. Affonso em Helvas no mez de Março do mesmo anno. E esta virtuosa Rainha Dona Isabel foy a que de novo fundou no Oratorio de S. Bento de Enxabregas o Mosteyro da Ordem de S. Joaõ, a que chamaõ dos Azues, e em seu testamento mandou que se acabasse, e dotasse de 28. mil coroas, que lhe ElRey D. Affonso seu marido devia de seu contrato, o qual legado elle comprio inteiramente, compran-

prandolhe muy boas rendas, e heranças, daqual Ordem ao presente tempo, em que corre o anno do Senhor de 1556. não ha Mosteyros se não em Italia, e nestes Reynos de Portugal, nem em minhas longas, e varias peregrinaçoens os vi em nenhuma outra parte da Europa.

CAPITULO VI.

Em que o Author faz hum breve discurso sobre as navegaçoens, que o Infante D. Henrique mandou fazer para descobrir a viagem da India

EL Rey D. João I. do nome, a que por suas grandes proezas chamamos da boa memoria, ganhou a Cidade de Seuta aos Mouros no anno do Senhor de 1415. e pouco tempo depois o Infante D. Henrique seu filho começou a mandar descobrir mares, e terras, das quaes navegaçoens a admiração foy então tamanha, que por esse fô respeito vieraõ a estes Reinos muytos homens letrados, e curiosos, dos quaes huns vinhaõ com tenção de hir ver estas terras, Provincias, e novos costumes dos habitadores dellas, ou para tambem ajudarem a descobrir outras com esperança do proveyto, que se lhes disso podia seguir; outros vinhaõ sómente para verem as coufas, que destas novas Provincias os nossos traziaõ, ou para escreverem o que ouviaõ daquelles, que das taes navegaçoens tornavaõ, por cuja industria, e estylo se divulgavaõ então pelo mundo os casos, e acontecimentos espantosos, com que se cada dia a nossa nação Portugueza encontrava, o que estes homens estrangeiros faziaõ, ou de suas proprias vontades, ou mandados de Cidades, Respublicas, e Principes dezejosos de saberem a certeza de tamanhas novidades. E pois a estes sómente movia a gloria de poderem com trabalhos alheyos satisfazer a seus particulares dezejos, de que se lhes seguia affinado louvor, claro he os naturaes destes Reynos, que alcançaraõ de Deos a graça para poderem escrever coufas taõ memoraveis, tem mór obrigação a
com

com seu estudo, e estylo divulgarem os taes feytos; pelo que me movi a fazer huma breve digressão nos dous Capitulos seguintes, do que pude alcançar que se até o nascimento do Principe Dom João, por meyo, e industria do Infante D. Henrique, tratou nestes novos descobrimentos, o que me pareceo que era razaõ que fizesse, para se nesta Chronica, pois he de Principe destes Reynos, que depois foy Rey delles, se achar em summa aquillo que muyto por extenso houvera de ser escrito na Terceyra Parte da Chronica de El Rey D. João o I. depois da tomada de Seuta até seu falecimento, que foy tempo de dezoyto annos, dos quaes 18. annos não vi cousa, que Fernão Lopes (que foy Chronista, e Guarda da Torre do Tombo, e compoz de novo esta Chronica de El Rey D. João) escrevesse, a qual Terceyra Parte eu oustaria de affirmar que elle fez, mas como se lhe este trabalho roubou, não me atreveria a dizer por honra dos que depois d'elle escreverão; e posto que Gomes Eannes de Zurara, que succedeo no officio de Chronista, e Guarda mór da Torre a Fernão Lopes, nos dous livros, que fez dos feytos do Conde de Villa-Real, D. Pedro de Menezes primeyro Capitão de Seuta (que acabou no anno do Senhor de 1463. trinta annos depois do falecimento do dito Rey D. João) trate brevemente na Segunda Parte destes dous livros, no Capitulo 26. acerca do anno de 1430. algumas cousas, que tocaõ ao negocio do Reyno; com tudo nestas novas navegaçoens, que já neste tempo eraõ começadas, não fala nada, nem menos na Chronica do Conde de Viana D. Duarte, Capitão de Alcacer, que elle escreveu depois da do Conde D. Pedro de Menezes seu pay: mas pòde ser que o fizesse na historia de Guinè, que elle diz que compoz, de que não ha noticia, e se o não fez nesta historia, nem nas dos Condes, creyo que seria pelo Fernão Lopes ter feyto na historia gèral do Reyno, a que se muytas vezes Gomes Eannes refere nestas do Conde D. Pedro, e D. Duarte, na qual historia gèral, Fernão Lopes continuou até a morte do infante D. Pedro, como mais largamente trato na

Quarta Parte da Chronica de ElRey D. Manoel Capitulo 37, que compuz alguns annos depois desta, e deste tempo por diante se pode crer que continuasse Gomes Eannes, porque viveo muytos annos depois de ElRey D. Affonso V. ter tomada aos Mouros a Villa de Alcacer, onde o mesmo Rey o mandou para ahi escrever os feytos, que este Conde de Viana D. Duarte de Menezes, e os de sua companhia faziaõ em Africa, e lhe escrevia cartas de sua propria maõ, assaz bem escritas, e copiosas por serem de Rey, favor muy natural, e para os que tem cargo de escrever tomarem cuydado de o fazerem como a feytos de taõ humanos, e esclarecidos Reys convem; e posto que o mesmo Gomes Eannes de Zurara, querendo dar a entender que compoz esta Terceyra Parte da Chronica de ElRey D. Joaõ, ou a de ElRey D. Duarte seu filho, dizendo no penultimo Capitulo da historia de Seuta que poria neste livro (qualquer delles que fosse) muytas couzas acerca das grandes virtudes deste Rey, se naõ houvesse de escrever as suas honradas exequias com todas as outras ceremonias, que pertencem à sua sepultura (a qual historia acabou de escrever em Silves no Reyno do Algarve no anno do Senhor de 1440. que era depois do tempo, que começou a reynar ElRey Dom Affonso V. perto de 13. annos) mas posto que isto diga, elle naõ compoz a Terceyra Parte da Chronica do dito Rey D. Joaõ, nem a de ElRey D. Duarte, mas quanto às exequias elle defeyto as escreveo, porque o Capitulo 5. da Chronica de ElRey D. Duarte he seu, e assim todos os razuamentos, que na dita Chronica saõ escritos sobre a hida de Tanger, o que se bem conhece, e vê do estylo, e ordem acostumada do mesmo Gomes Eannes, posto que algumas palavras, e termos antigos, que elle usava no que escrevia, com razuamentos prolixos, e cheyos de metaforas, ou figuras, que no estylo historico naõ tem lugar, estejaõ mudados em modo mais moderno de fallar. Assim que por faltarem os acontecimentos destas novas navegaçoens pelo modo que disse, me pareceo necessario proleguir em minha

nha tenção, e declarar nesta historia aquillo que convinha ser escrito das taes navegaçoens, nas passadas, porque nas Chronicas de ElRey D. Joaõ, e de ElRey Dom Duarte seu filho nenhuma cousa se trata do que toca a estes descobrimentos, e na de ElRey Dom Affonso V. seu neto em hum só Capitulo, onde se escreve o falecimento do Infante D. Henrique, conta o Chronista brevemente algumas cousas das que se até entaõ passáraõ, a qual negligencia, e notavel descuydo me constrange com razão a dizer tudo o que for necessario a feytos taõ notaveis, e taõ dignos de serem celebrados.

CAPITULO VII.

Das cousas que moveraõ o Infante D. Henrique a querer descobrir terras, e mares pela costa de Africa, até chegar à India, e da certeza que teve para o mandar fazer.

QUatro annos depois que ElRey Dom Joaõ tomou a Cidade de Seuta aos Mouros, elles a requerimento de ElRey de Granada, chamado o Esquerdo, a vierã cercar no mez de Agosto com graõ poder, ao qual cerco ElRey Dom Joaõ mandou muyta, e muy nobre gente de seus Reynos, por cujo Capitaõ foy o Infante D. Henrique seu filho. E porque alèm d'elle ser muy ariscado cavalleyro, era muy dado ao estudo das letras, principalmente da Astrologia, e Cosmografia, para melhor exercitar taõ virtuosas artes, depois que tornou do cerco de Seuta, escolheo sua morada, e residencia em huma parte do Reyno do Algarve, no Cabo de S. Vicente, chamado pelos antigos historicos *sacrum Promontorium*, que em nosso vulgar Portugez quer dizer Cabo sagrado, donde se derivou o corrupto nome de Sagres, que para mais verdadeyra imitação da lingua Latina, donde a nos-
sa traz sua origem, se deve chamar mudando o G, em C, Sacres, em o qual sitio de Sacres fundou o Infante huma

Villa de novo, a que poz nome Terça Nabal, a que tam-
 bem chamaõ a Villa da Villa do Infante, e dalli determi-
 nou de mandar navios ao longo da Costa da Africa com
 tençaõ de chegar ao fim de seus pensamentos, que era des-
 cobrir destas partes Occidentaes a navegaçaõ para a In-
 dia Oriental, a qual sabia por certo que fora já em outros
 tempos achada. E esta certeza, que assim alcançou do tra-
 balho de seu estudo, lhe fez acometer tamanho negocio,
 e naõ por inspiraçoens Divinas, como algumas pessoas
 dizem, e naõ sey com quanta razaõ o affirmaõ, porque
 se fora inspiraçaõ Divina, por ventura que sem tantos
 trabalhos como teve, em sua vida alcançára o Infante o
 que tanto dezejava, dos quaes trabalhos estas navegaço-
 ens nunca careceraõ, assim em vida do Infante, como de-
 pois, atè de todo serem descobertas; pelo que he mais
 de crer que a certeza deste negocio alcançou o Infante dos
 verdadeyros Authores, em que continuamente estudava,
 crendo o que escreviaõ, como couzas escritas por homens,
 e assim as cria, e duvidava como se deve fazer a todas as
 que dos homens, e de seus juizos procedem, nas quaes
 com a certeza está sempre junta a duvida. Com esta tal cer-
 teza, o Infante começou a mandar descobrir com naõs
 armadas à sua custa, porque sabia do que tinha lido, co-
 mo depois do cerco de Troya, segundo o conta Ariston-
 nico, que Menelao sahindo pela boca do Estreyto de Gi-
 braltar, navegára tanto pelo mar Oceano, atè chegar ao
 mar Roxo, o qual, segundo alguns Cosmografos antigos
 dizem, contém em si o mar Arabico, e Persico, com to-
 da a costa que entre elles ambos ha, e a que passa adian-
 te do Persico atè chegar à India, pelo qual mar Roxo fa-
 zendo Menelao seu caminho fora ter á India, e tambem
 sabia o Infante que Annone Capitaõ dos Carthaginezes
 navegára tanto pela costa de Africa atè chegar quasi de-
 bayxo da linha Equinocial, o qual do discurso que dey-
 xou escrito de seu caminho, e finaes que deu do que vira,
 se mostra claramente que passou alèm da serra, a que ago-
 ra chamaõ Leoa, e tambem tinha por certo o que Hero-
 do-

doto, gravissimo Author, a que Cicero chama pay da historia, elcreveo da navegação que Neco Rey do Egito mandou fazer por certos Fenices, homens experimentados nas cousas do mar, os quaes partindo do mar Roxo, navegáraõ tanto atè chegarem ao mar Austral e dahi vieraõ ter ao Estreyto de Gibraltar, donde tomáraõ seu caminho para o Egypto, ao qual chegáraõ passados já dous annos do tempo que havia que partiraõ do mar Roxo. Além deste grande testemunho tinha outro do mesmo Author, de como por mandado de ElRey Xerxes navegára Satalpe do mar Mediterraneo, atè pelo Oceano chegar ao Promontorio, ou Cabo de Africa, e que anojado da prolixidade do caminho, e falta de mantimentos se tornára para o Egypto; nem menos ficou por ler ao Infante em Estrabo de como no mar da Arabia, estando ahi Cesar, filho de Augusto, se acháraõ pedaços de nãos Hespanholas, que alli com tormenta lançára o mar á costa, nem o que o mesmo Estrabo, Plinio, Cornelio Nepos, e Pomponio Mela escrevem de Eudoxo acerca destas navegaçoens. Com o Oraculo dos quaes testemunhos, e de outros mais que o Infante teria sabidos por muytas informaçoens, que cada dia tomava de Mouros Alarves, e Azenegues, praticos nas cousas de Africa, determinou mandar descobrir de novo estas navegaçoens, de que a memoria era já entre os homens perdida, das quaes no Capitulo seguinte tratarey com toda a brevidade possivel.

C A P I T U L O VIII.

Em que summariamente se trata das navegaçoens, que por mandado do Infante Dom Henrique se fizeram, e terras que se descobriraõ atè o nascimento do Príncipe D. Joaõ.

TOrnado o Infante D. Henrique do cerco de Seuta, logo no mesmo anno, que foy de 1419. mandou por duas vezes navios a descobrir, os quaes passáraõ 60. leguas

guas alem do Cabo de Naõ, que era o extremo, e o mais longe, que se entaõ navegava da Europa pela costa de Africa. Tornados estes navios, hum Joaõ Gonçalves Zarco de alcunha, e Tristaõ Vaz Teyxeyra pela vontade que viaõ no Infante, de cuja criaçaõ eraõ, lhe pediraõ que fosse sua merce servirse delles no tal negocio, do que o Infante houve prazer, e lho agradeceo muyto, mandando logo armar hum navio, de que deu a Capitania a Joaõ Gonçalves, por ser mais velho, que Tristaõ Vaz, os quaes com temporal que lhes deu, sem chegarem á costa de Africa, navegáraõ tanto ao pego, que acabada a tormenta se acháraõ á vista de huma Ilha pequena, e deserta, que logo foraõ demandar, e pela mercè que lhes Deos fizera, além de os salvar de tamanha tempestade, em lhes deparar a tal Ilha, lhe puzeraõ nome de Porto Santo, como se agora chama, com a qual nova se tornáraõ ao Infante, a quem logo hum seu criado por nome Bartholomeu Perestrello pedio a Capitania della, que em companhia destes Joaõ Gonçalves, e Tristaõ Vaz a foy povoar, por ser Ilha de bons ares, e boas aguas de fontes, e pouco tempo depois andando Bartholomeu Perestrello no Reyno, Joaõ Gonçalves, e Tristaõ Vaz acordarãõ de em barcos hirem demandar huma sombra de nuvens, que muitas vezes viaõ, naõ muy longe daquella Ilha onde estavaõ, donde partiraõ em taõ boa hora, que com pouca difficuldade lhes quiz Deos deparar outra Ilha tambem deserta, muito mór que a do Porto Santo, á qual por ser cheia de bosques puzeraõ nome de Madeyra. Com este taõ prospero successo se vieraõ ao Infante, a quem aprouve em galardaõ de taõ boas novas, lhes fazer a ambos mercè della, dando a Capitania da banda do Funchal a Joaõ Gonçalves, e a da banda de Machico a Tristaõ Vaz, os quaes por si, e com suas valias, e fazenda começáraõ a povoar esta nobre, e rica Ilha da Madeyra no anno do Senhor de 1420. aos moradores da qual, e aos do Porto Santo, e de outras deu ElRey D. Affonso privilegio por authoridade do Infante D. Pedro seu Tutor, e Governador,

dor, dado no anno de 1444. para de tudo o que dellas trouxeffem a estes Reynos não pagarem dizima nem portagem, e do sobredito anno de 1420. até o anno de 1433. em que hum Gileannes natural de Lagos, criado do Infante D. Henrique descobrio o Cabo do Bojador, não achey cousa que toque a estas navegaçoens, e logo no anno seguinte mandou o Infante hum Affonso Goncalves Baldaya seu Copeyro a descobrir mais adiante, e em sua Capitania o mesmo Gileannes, os quaes passaraõ alèm deste Cabo até onde agora se chama a Angra dos Ruivos, nome que lhe puzeraõ pela grande multidaõ que alli acháraõ delles, e deste lugar por lhe já faltarem mantimentos fizeraõ volta para o Reyno, sem acharem gente com que pudessem communicar, salvo que naquelle lugar da Angra dos Ruivos acháraõ rasto de Camelos, e caminhos trilhados, que davaõ sinal de seguida de Castillas ou Recovas. E logo no anno seguinte de 1435. os tornou o Infante a mandar, e passáraõ desta Angra dos Ruivos a huma enseada, na qual lançaraõ em terra dous mancebos, criados do Infante, por nome hum Diogo Lopes de Almeyda, e o outro Heytor Homem, para em dous cavallos hirem descobrir a terra, os quaes encontráraõ com 19. homens baços, com que pelejáraõ, mas os Barbaros os despediraõ muy bem de si com muytas azagayas, e dardos de arremesso, com as quaes armas feriraõ hum delles em hum pè, e assi se recolheraõ á praya, e dalli ao navio, com as quaes novas se tornaraõ ao Reyno, com deyxarem posto nome a este lugar a Angra dos Cavalleyros. Deste anno de 1435. até o de 1440. assim pelo falecimento de ElRey D. Duarte, que foy no de 1438. como pelos negocios do cativeyro do Infante D. Fernando, e tutorias de ElRey D. Affonso sobreesteve o Infante de mandar mais navios a esta conquista, o que tambem caufou ternova certa q se achava gente armada e destra em peleja, para o qual negocio se requeriaõ mais navios, e mais gente; pelo que quiz, segundo se pode crer, poupar estes cinco annos, por dantes ter feytas muytas despezas nes-

nestas navegaçoens , para dalli por diante profeguir mais á sua vontade em suas altas , e reaes empresas. Passado assim este tempo logo no anno de 1441. mandou Antaõ Gonçalves , e Nuno Tristaõ seus criados em dous navios , dos quaes Nuno Tristaõ descobrio até o Cabo Branco , a que poz elle nome , por a terra ser alva , e arcenta. E Antaõ Gonçalves descobrio até o Cabo , a que poz nome do Cavaleyro , porque no dito lugar pelejando como Cavaleyro , cativou alguns negros , que foraõ os primeyros que vieraõ a este Reyno. Destes lugares se tornaraõ estes dous Capitaens cada hum por sua derrota , com cuja vinda por respeyto da preza que comsigo trazia Antaõ Gonçalves , foy o Infante muyto alegre por já começar a recolher fruto de seus trabalhos , e despezas , com ver aquellas almas dantes perdidas , ganhadas á Fé de nosso Salvador Jesu Christo , cujo bautilmo logo recebèraõ. Sabido como estes dous Capitaens descobriraõ terra , em que acharaõ gente com que se podia communicar , ou fosse por via de paz , ou de guerra , donde o Infante dantes com varios juizos de diversas pessoas era por muitos modos reprehendido , de fazer tamanhos , e taõ demaziados custos , sem ter recolhido proveyto algum , que se igualaste com taõ grandes despezas , começou desde entaõ a ser de todos muy louvado , dizendo-se que de hum tal Principe , e taõ prudente se naõ podia esperar cousa se naõ de que os Reynos houvessem de receber proveyto. Tanto que esta nova foy divulgada , logo alguns aventureyros Portuguezes , os mais delles do Algarve , naturaes de Tavira se lhe offereceraõ para ás suas proprias custas o hirem servir , e buscar suas aventuras , e da boa fortuna que lhes Deos dèsse lhe pagarem seus direitos como a senhor , a quem aquellas conquistas pertenciaõ , os quaes (passado hum anno do descobrimento que fize-
raõ Antaõ Gonçalves , e Nuno Tristaõ) acabáraõ de ar-
mar seis caravelas , das quaes foy por Capitaõ hum Ca-
valleyro da casa do Infante , por nome Lançarote , cujo
sobrenome naõ pude achar por eserito. Este Capitaõ Lan-

çarote seguindo sua viagem chegou com toda a frota vespera da festa do corpo de Deos do anno de 1443. á Ilha das Garças, onde tomaraõ muitas dellas para seu refresco, e dahi foraõ ter á Ilha de Nar, donde, e doutras vizinhas trouxeraõ ao Reyno huma grande preza de negros. E logo no anno de 1444. mandou o Infante hum Vicente de Lagos a descobrir, em cuja companhia foy hum gentilhomem Venezeano por nome Luiz de Cademusto, muito curioso de ver mundo, o qual Vicente de Lagos navegou até o rio de GAMBRA. Neste mesmo anno foy ter ás Ilhas Darguim Gonçalo de Cintra Capitaõ de huma náõ do Infante, onde o matáraõ com alguns da sua companhia. Este Luiz de Cademusto diz em hum Itinerario que fez, que já neste tempo o Infante mandava fazer o Castello Darguim, e que seguindo sua viagem acháraõ no dito lugar muytos Officiaes, que trabalhavaõ naquella obra, que he bem ao contrario do que dizem algumas pessoas, que destas navegaçoens escreveraõ, affirmando que no anno de 1461. mandou ElRey D. Affonso fazer este Castello por hum Sueyro Mendes Fidalgo de sua casa, morador em Evora: mas parece que seria mais mandallo acabar, que naõ começar de novo, pois o Infante foy o author da tal obra. No qual tempo diz Luiz de Cademusto que os nossos tinhaõ navegado até o rio de Senegá, a que os da terra chamaõ Sonedech, e que havia já hum anno que Cabo Verde era descoberto, que he tambem contra a opiniaõ destes mesmos, que dizem que Cabo Verde foy primeyramente descoberto no anno de 1445. por hum Diniz Fernandes Escudeyro de ElRey D. Joãõ I. e que nesta paragem tomou em huma almadia alguns negros que comsigo trouxe, e que foraõ os primeyros que vieraõ a Portugal, do que se mostra manifestamente que se Cabo Verde foy descoberto por este Diniz Fernandes, que seria no anno de 1443. porque neste, e nos de 1444. e de 1445. seguintes já no Reyno havia muytos negros, que os que hiaõ descobrir comsigo trouxeraõ. Este Vicente de Lagos, com quem hia Luiz de

C

Ca-

Cademusto, navegando para o rio de Gambia, se encontrou hum gentilhomem Genovez por nome Antonieto de Nolle, que com licença do Infante hia tambem a descobrir, e ambos juntos chegáráõ ao dito rio, e dalli sem mais passarem adiante se vieraõ para o Reyno, os quaes com licença do Infante tornáraõ a fazer viagem no anno seguinte de 1445. em huma náõ, que lhes mandou armar em Lagos, e desta vez descobriraõ estes gentis homens as Ilhas de Cabo Verde no mesmo anno de 1445. e naõ de 1441. como tambem alguns erradamente cuydaõ, porque no anno de 1440 depois do falecimento do Infante D. Henrique fez ElRey D. Affonso V. doação dellas, e das Terceyras ao Infante D. Fernando seu irmaõ, ás quaes Ilhas de Cabo Verde estes dous gentis homens chegáráõ do dia que partiraõ do Reyno a 16. dias, e á primeyra que viraõ, puzeraõ nome Boavista, e á outra Santiago, e S. Filippe, por chegarem a ella no primeyro dia de Mayo, em que cahe a festa destes Santos; e á terceyra, a que foraõ, puzeraõ nome de Mayo por lembrança do mez, e dia em que as descobriraõ. Destas Ilhas foraõ ter ao rio Rha, a quem nõs chamamos de Caramanla, nome que lhe deraõ, porque o senhor da quella terra se chamava assim, donde navegáraõ ate o Cabo Vermelho, do qual se fizeraõ á vela para o Reyno. Estas Ilhas saõ perto das onze, e em huma doação que ElRey D. Joaõ II. fez dellas no anno de 1489. a D. Manoel Duque de Beja, e de Viseu, que depois foy Rey muy prospero, e felice destes Reynos, se chamaõ por ordem a primeyra Santiago, as outras de Mayo, S. Christovaõ do Sal, Ilha brava, S. Nicolao, S. Vicente, Raza branca, Santa Luzia, e Santo Antonio. E tornando a nossas navegaçoens, neste mesmo anno de 1445. Antaõ Gonçalves, de quem atraz fiz mençaõ, descobrio em hum navio do Infante hum rio, a que chamaõ do ouro. E no mesmo anno partiraõ 14. caravelas juntas a descobrir a Capitania, a qual Armada o Infante deu ao Capitaõ Lançarote, que com toda sua companhia passou varios casos, e fortunas antes de che-

chegar ao Cabo Verde, pela qual causa alguns destes navios se tornáraõ para o Reyno, sem poderem seguir viagem, e elle com dous ló deu na Ilha de Tider onde tomou 59. negros, com que fez volta para o Reyno, e no anno de 1446. chegou Nuno Tristaõ até o rio grande, que he 60. leguas além de Cabo Verde, e dalli passou 20. leguas mais ávante, e entrou em outro rio aonde o vieraõ cometer os da terra em 13. almadias com muytos dardos, e frechas hervadas, com que o matáraõ, e dezoito de sua companhia; os que ficáraõ no navio se tornáraõ ao Reyno, por respeyto do qual infortunio se chama aquelle rio o rio de Tristaõ. Neste mesmo anno Alvaro Fernandes Iobrinho do Capitaõ do Funchal descobrio o Cabo dos Mastos, e passou cem leguas além de Cabo Verde, na qual paragem houve em terra vitoria do senhor della, e o matou com suas proprias mãos, e desta paragem foy ter á boca do rio de Tabite, que he além do rio de Tristaõ 32. leguas, donde se tornou para o Reyno. E deste tempo até o anno de 1455. em que ElRey D. Joaõ nasceo, naõ achey cousa escrita, nem por memoria de qualidade para se della fazer mençaõ, salvo que já neste tempo eraõ descobertas as Ilhas dos Açores; o que se pode afirmar por testemunho, que disso dá hum privilegio, que ElRey D. Alfonso V. deu aos da Ilha de S. Miguel, porque lhes concedeo que naõ pagassem dizima de tudo o que troxessem a estes Reynos, a qual Ilha era do Infante D. Pedro, e o Privilegio foy dado no anno do Senhor de 1447. dous annos antes de sua morte. Assim que por todas as mais cousas, que até este tempo passáraõ nestas navegaçoens, serem de pouca substancia, como o tambem saõ algumas, que aqui puz mais por representar a antiguidade dellas, que por ornamento, que possaõ trazer á nossa historia, porey fim a este Capitulo, e do nascimento de ElRey D. Joaõ por diante trabalharey de tratar tudo o que comprir a estas Conquistas, e navegaçoens por sua ordem, e em seu lugar; e quem mais particularmente quizer saber o que em todas ellas se pas-

fou até dito anno de 1455. em que ElRey D. Joaõ nasceo ; lea o que Gomes Eannes de Zurara, Chronista que foy destes Reynos, disse escreveo, e Joaõ de Barros Feytor da Casa da India delle collegio, de alguns outros memoriaes, que destas navegaçoens achou, como na sua historia da Asia se contém.

C A P I T U L O IX.

Em que o Author trata algumas particularidades das Ilhas dos Açores, e de huma antigualha, que nellas se achou.

C Onstrange tanto o testemunho das cousas antigas aos Escriptores, que por dellas darem fé, posto que não fação muito a proposito do que trataõ, são ás vezes forçados sahirem algum tanto fóra da ordem do que escrevem para assim allumiarem o descuido, e esquecimento, em que a antiguidade dos tempos as poz. E porque eu a esta ley, e obrigaçãõ tão honesta não posso fugir, necessario será dizer algumas particularidades das Ilhas dos Açores, posto que fossem achadas antes do nascimento de ElRey D. Joaõ, para no fim deste Capitulo descobrir huma antigualha assaz antiga, que em huma dellas em nossos dias se achou. Estas Ilhas se chamaõ dos Açores pela muita criaçãõ, que delles havia nellas quando as descobriraõ, e ainda ha, mas não tantos, como costumava, o que causaõ as povoaçõens que se nella fizeraõ; os quaes Açores são mais alvos que os de Irlanda, mas não por isso melhores, porque os de Irlanda, postoque não sejaõ de tão forte preza, são mais ligeyros, e de muyto melhor relè. Estaõ estas Ilhas Leste Oeste da rocha de Cintra, e são perto das 9 a saber S. Miguel, que foy a primeyra que se achou, e apoz esta foy descuberta a de Santa Maria, e depois a Terceyra, que se chama de Jesu Christo, e logo S. Jorge, Graciosa, Fayal, Pico, Flores, e Corvo, as quaes são muy temperadas de Inverno, e Veraõ, e muy viço-

cofas, de fontes, e ribeyras de muito boas aguas, e frutas, em especial de espinho de toda a sorte; são taõ abundantes de pão que muitas vezes recolhem os Lavradores de hum alqueyre de semeadura 20, e 30. de que se fazem carregaçõens para o Reyno, e outras partes: faz-se nellas muyto pastel, que se leva para Flandes, Inglaterra, e outras Provincias; são muyto abastadas de caça, peyxe, e criaçõens de gado: ha nellas muytas matas de cedros, loureyros e fayas, e hum pão vermelho, a que chamaõ, sanguinho, que se estima muyto para obras marchetadas. Deitas Ilhas a que mais està ao Norte, he a do Corvo, q̃ terá huma legua de terra; os mareantes lhe chamaõ Ilha do Marco, porque com ella (por ter huma ferra alta) se demarcaõ, quando vem de mandar qualquer das outras. No cume desta ferra da parte do Noroeste se achou hũa estatua de pedra posta sobre huma lage, que era hum homem em cima de hum cavallo em osso, eo homem vestido de huma capa como bedem, sem barrete, com huma mão na comã do cavallo, e o braço direyto estendido, e os dedos da mãẽ encolhidos salvo o dedo segundo, a que os Latinos chamaõ Index, com que apontava contra o Ponente. Esta imagem, que toda sahia mocilla da mesma lage, mandou ElRey D. Manoel tirar pelo natural por hum seu criado debuxador, que se chamava Duarte Darmas, e depois q̃ vio o debuxo, mandou hum homem engenhozo, natural da Cidade do Porto, q̃ andara muito em França e Italia, que fosse a esta Ilha para com aparelhos, que levou, tirar aquella antigualha, o qual quando della tornou, disse a ElRey que a achara defeyta de huma tormenta, que fizera o Inverno passado. Mas a verdade foy, que a quebrãraõ por mão azo, e trouxeraõ pedaços della, a saber, a cabeça de homem e o braço direyto com a mão e huma perna, e acabeça do cavallo, e huma mãõ, que estava dobrada, e levantada, e hum pedaço de huma perna, o que tudo esteve na guardarroupa de ElRey alguns dias, mas o que se depois fez destas cousas, ou onde se puzeraõ. eu naõ o pude saber. Esta Ilha do Corvo, e Santo Antaõ foraõ de João da Fon-

se-

feca, Escrivão da fazenda de ElRey D. Manoel, e delle as herdou seu filho Pero da Fonseca, Escrivão da Chancellaria do mesmo Rey, e de ElRey D. Joaõ III. seu filho, o qual Pero da Fonseca no anno de 1529. as foy ver, e soube dos moradores que na rocha abayxo onde estivera a estatua, estavaõ entalhadas na mesma pedra da rocha humas letras, e por o lugar ser perigozo para se poder hir onde o letreyro està, fez abayxar alguns homens por cordas bem atadas, os quais imprimiraõ as letras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cegas, em cera que para isso levãraõ: com tudo as que troxeraõ impressas na cera, eraõ já muy gastadas, e quasi sem forma, assim que por serem taes, ou por ventura por na companhia não haver pessoa, que tivesse conhecimento mais que de letras Latinas, e este imperfeyto, nem hum dos que alli se acharaõ presentes fouberaõ dar razaõ, nem do que as letras diziaõ, nem ainda puderaõ conhecer que letras fossem. Espantanos tanto esta antiquissima antigualha por se achar no lugar, em que se achou, que se pòde com razão dizer o que diz Salamão não haver cousa, que já não fosse, e que houve outros que ja fizerão o que nós agora fazemos; e se as opinioens de alguns Filosofos se houverão de crer, ou aos historicos gentios nesta parte se houvera de dar algum credito, facilmente se pudera cahir em muitos erros, se delles nos não desenganàra a sagrada Escritura, dos quaes se não pòde escuzar Pomponio Mella, gravissimo Escritor Latino, no seu primeyro Livro, falando da antiguidade dos EGYPCIOS, onde diz que tinhaõ historias certas de mais de treze mil annos, e o mesmo faz Herodoto no segundo livro da sua historia, que escreveo em Grego muito antes que Pomponio, e ambos dizem que depois que os EGYPCIOS começaraõ a ter nome, e ser conhecidos, que o curso do Ceo se mudàra quatro vezes, pondo-se o Sol duas no lugar onde agora nasce. Estrabo, que ha bem mil e quinhentos annos que escreveo em lingua Grega, não se pòde escuzar de outro tal erro, como foy dizer no terceyro livro da sua Geografia que os Turdetanos, ou Turdolos que he

toda a terra de Andaluzia, Algarve, e Portugal, começando dos montes de Gibraltar até o rio Lima, que foy sempre a gente de Hespanha, que mais soube, e mais usou leys, e continuou estados, e que elles tinhaõ historias certissimas de seis mil annos a traz. Nem deyxarey de dizer acerca desta antigualha a opiniaõ q̃ disto tenho, a qual he que esta gente, que veyo ter a esta Ilha, e nella deyxou esta memoria poderia ser de Noruega, Gothia, Suecia, ou Islanda, porque nos tempos passados, e muitos antes que os habitadores destas provincias fossem Christãos havia entre elles muytos Cossayros, e taõ poderozos, que aos males, que faziaõ pelo mar Oceano, e de Alemanha, se podia muy difficulosamente resistir, do que daõ testemunho Saxo Grammatico, antigo Escriitor, e Joannes Magnus Gothus, Arcebispo de Upsalia no Reyno de Suecia, homem com quem naquellas partes eu tive estreyta amisade, e depois em Italia, de cuja vida, e infortunios trato na deploraçaõ, q̃ em lingua Latina compuz, da gente, e Provincia Lapiana, os quaes Escriitores ambos nas Chronicas, q̃ fizeraõ das cousas Aquilonares, trataõ assaz destes Cossayros, e o mór argumento, que se desta o piniaõ pòde ter, he que todas estas naçoens costumavaõ fazer entalhar, e esculpir todos seus feytos, acontecimentos, e façanhas em rochas de pedra viva, para mór lembrança, e perpetuidade dos casos, que lhes aconteciaõ, como naquellas Provincias todas hoje em dia se vê, e achaõ em muytas partes dellas imagens, e historias entalhadas, abertas, esculpidas, e escritas em rochedos, e outras pedras altas, e de maravilhoza grandeza. E porque esta antiguidade desta Ilha do Corvo he do toque de estoutras, se pòde crer que alguns destes Cossayros viessem ter desgarrados da fortuna do mar a estas Ilhas, e pelas acharem dezertas, e deshabitadas quizessem deyxar de si aquella memoria; o que se poderia facilmente tirar a limpo, se a esta Ilha fosse ter alguma pessoa, ou a mandassem, que soubesse as lingoagens destas terras, o que se faria com pouca difficuldade, se os Principes, e senhores, que possuem as Provincias, fossem
taõ

taõ curiozos de saber, como o faõ de haver, e lograr os bens, e rendas, que dellas lhes resultaõ.

C A P I T U L O X.

Do apercebimento, que ElRey D. Affonso fez para passar em Africa a tomar a Villa de Alcacer, e seguir aos Mouros.

FOy o Papa Calisto III. homem zelozo de bem, e dezejozo de por seu meyo se restituir a Terra Santa à Fè de Christo, sobre o qual negocio mandou legados a todos os Reys Christãos, concedendolhes para isso Cruzada, entre os quaes legados o que veyo a ElRey D. Affonso, era Bispo de Silves: homem de muita authoridade em Corte de Roma, de cujas mãos em nome do Papa ElRey aceitou a Cruzada, dezejozo de nisso servir a Deos: pelo que logo fez grandes apercebimentos de nãos, e navios, com doze mil homens de guerra Portugezes, afóra marinagem, e gente de serviço, para elle em pessoa se achar nesta santa empreza. E porque ou por inconvenientes do tempo, ou pela pouca vontade, que os outros Reys Christãos para isso tiveraõ, este negocio naõ veyo a effeyto, como ElRey era naturalmente inclinado à guerra dos Mouros, determinou com esta Armada, e companhia dobrada passar a Africa a tomar alguma Villa aos infieis, havendo conselho sobre isso, determinou hir sobre Alcacer seguer, e porque a Armada era grossa, e naquelle tempo Lisboa estava tocada da peste, embarcou em Setuval, e o Infante D. Henrique no Algarve, e o Marquez de Valença foy fazer na Cidade do Porto o mais della. Como a Armada de ElRey foy prestes, partio de Setuval a hum Sabado derradeiro de Setembro de 1458. levando em sua companhia o Infante D. Fernando seu irmaõ, e D. Pedro filho do Infante D. Pedro, que o veyo servir com gente muy nobre, e bem concertada para feyto de guerra, e logo à terça feyra seguinte tres dias de Outubro dobraraõ o Cabo de S. Vicente, e vie-
raõ

raõ ter a Sagres, onde o Infante D. Henrique o estava esperando, e dalli se foy ElRey a Lagos, onde esteve oytto dias, atè q̃ o Marquez de Vallença veyo com a Armada do Porto, depois da vinda do qual, e de outra fustalha q̃ faltava, ElRey se embarcou em huma quinta feyra 17. de Outubro, levando comsigo 26. mil homens de peleja, e duzentas e oytenta nãos, galez, e outros navios de carga, e serviço, e com tempo feyto partio, seguindo sua viagem, para vir ao effeyto de seus altos pensamentos, catholica, e boa tençaõ. Neste anno de 1458. aos dous dias de Mayo nasceu Dona Leonor filha do Infante D. Fernando, e da Infanta Dona Beatriz, que depois foy Rainha destes Reynos, como ao diante se dirà.

CAPITULO XI.

Da antiguidade, e sitio da Villa de Alcacer, e do conselho que ElRey teve antes de a cercar.

M Anfor Rey, e Pontifice de Marrocos, como contaõ os historicos Arabios, foy Rey muy guerreyro, e que quasi todos os annos passava de Africa a Granada, para dahi com seus exercitos fazer entradas nas terras dos Christãos, e porque no caminho de Seuta, onde costumava vir embarcar, havia muytos passos difficultozos, e aseros, por onde seu exercito, e gente naõ podiaõ passar sem muyto trabalho, determinou de edificar de novo a Villa de Alcacer seguer, a que os Mouros chamaõ Casar ezzaghir, que quer dizer Passo pequeno, e a causa de a edificar naquelle sitio, foy por ser lugar bem assentado a tres leguas de Hespanha, e a melhor passagem que ha no Estreyto, mais perto, e de bom porto, proprio para alli fazer suas Armadas, e embarcar iua gente com muyto menos trabalho que em Seuta, a qual Villa pelo bom sitio que tinha se povoou logo de gente do mar, mercadores, e outra gente, de que a mòr parte se sustentava de tecer, e fazer panos de linhos muyto bons, e por sempre haver nella homens de terra, principalmente no negocio do mar, no

D

qual

qual eraõ muy exercitados, e acustumados a fazer mal, e dano aos Christãos da Hespanha, e a outros que navegavaõ para aquelle Estreyto, ElRey se moveo a hir sobre ella naquella sazaõ mais, que sobre nenhuma outra de Berberia, o qual ao Sabbado seguinte da quinta feyra, em que partio de Lagos, se achou antemanhã com sua Armada diante da barra de Tangere, e porque para hir a Alcacer o tempo lhe naõ servio por ser escasso, esteve alli esperando aquelle dia por alguns navios que faltavaõ de sua Frota, e o Domingo seguinte, e como os pensamentos de ElRey eraõ altos vista a grandeza, e nobreza da Cidade de Tangere, determinou de a combater, se nos Infantes, e nos de seu conselho achasse a mesma vontade, os quaes fez logo juntar na sua naõ, e lhes falou desta maneyra „ Naõ vos pareça mudança
 „ de conselho o para que vos aqui fiz vir, se naõ dezejo
 „ de adquirir mais honra, e gloria para vós, e para
 „ mim, do que movido vos quero descobrir minha tençaõ,
 „ a qual he, se vos assim parecer, que acometamos esta
 „ Cidade, porque filhando-a além do ganho que nisto fa-
 „ zemos, tomariamos vingança do dano, e desbarato que
 „ os nossos nella recebèraõ, como muy bem todos sabeis,
 „ e por esta vingança ser necessaria à nossa honra, e eu ter
 „ por muy certo, tanto que os moradores de Alcacer
 „ souberem que Tangere he de nós tomada, que de suas
 „ vontades nos viraõ appresentar a Villa, me movi a vos
 „ dar disto conta; com tudo porque naõ sey se me cega o
 „ dezejo de tamanha vitoria, ou me enganaõ as razoens,
 „ que vos dey, para confirmar minha tençaõ vos peço,
 „ e rogo que sem nenhum pejo sayba de vós as vossas,
 „ porque a vossos pareceres, e conselho sobmeterey de todo
 „ meu juizo, como a pessoas de que me tanto fio, e devo
 „ por boa razaõ confiar „ Acabando ElRey sua fala o In-
 „ fante D. Henrique como mais anciaõ, e em quem mais
 „ que nos outros cabia a reposta, como seu tio, e muy ex-
 „ perimentado nas cousas da guerra, e experto nos casos de
 „ Tangere a que foia presente, lhe disse: „ Senhor, vos-
 „ sas razoens daõ final de vosso invencivel animo, e eu
 „ naõ

naõ duvido , que onde vòs estais possa haver coufa diffi-
cil para se poder combater , e ganhar ; pelo que da for-
taleza de Tangere , e difficuldades que ha em quererdes
entrar naõ falo , nem trato nada , se naõ em vos lem-
brar que posto que Rey , e bom Capitaõ sejais , naõ basta
para poderdes pôr em obra o que quereis fazer , porque
para a execuçaõ de vossa vontade , posto que vos naõ
falte poder , o qual aqui tendes de muy boa gente de
guerra , vos faltará por ventura a vontade da mesma
gente , sem a qual posto que tantas campanhas tivesséis,
como ElRey Xerxes trouxe consigo , quando passou a
Grecia , pouco vos aproveytaria , visto que os casos da
gerra consistem mais na força da vontade , que na dos
corpos , e porque esta vossa gente toda partio de Portu-
gual para vos servir no feyto de Alcacer , que he a Villa,
que lhe dèstes a entender que querieis filhar , e para isso
estaõ todos prestes , com as vontades taõ fixas , e taõ
promptas , que naõ ha em vossa companhia soldado ,
por de pouca estima que seja , que em sua vontade se
naõ tenha persuadido ser Alcacer já de vós ganhado: mas
se agora souberem que tomais outro conselho , havey
por certo que alèm de se lhes mudarem as vontades para
o combate desta Cidade , cuydando nos casos adversos ,
que aos vossos aqui tem acontecido , que de todo des-
mayaraõ , e o que fizerem será mais com vergonha ,
que por vontade , do que se vos poderá causar partirdes
daqui com deshonna , porque naõ tomareis Tangere
como cuydais , e de a combaterdes , e naõ ganhades ,
vos ficará a gente taõ cansada , e destrocada ; que em
lugar de hirdes acometer Alcacer vos será forçado , sem
fazerdes feyto , de que possais haver louvor , tornardes-
vos para vossos Reynos com grande blasmo de terdes
feytas tantas despezas , e gastos , sem delles tirardes
fruto , que de louvor seja ; pelo que vos peço Senhor
em nome de todo este vosso exercito que vossa mercè seja
profeguir sua primeyra tençaõ , porque para isso o acha-
reis todo muy prestes , O que ouvido por ElRey , disse

ao Infante, e a todo os que presentes estavaõ, que em nome de Deos fosse, que se aparelhasse logo Armada, e seguissem a via de Alcacer, pois sua tençaõ era de a hirem combater.

C A P I T U L O XII.

Do primeyro combate que deraõ à Villa de Alcacer, e do que se passou nelle.

TAnto que foy assentado que se naõ fizesse mudança no negocio de Alcacer, ElRey fez dar à vela, e à segunda feyra chegou diante da Villa, no qual instante mandou armar os bateis par a logo hir combater, no que houve alguma detença por afustalha fer muyta, e assim a gente que havia de sahir em terra, como pelo Infante D. Henrique naõ poder chegar taõ azinha onde ElRey estava, por causa das correntes, que o fizeraõ ancorar bem duas leguas afastado da nãõ de ElRey, com quarenta navios da Frota: mas em chegando, posto fosse já tarde, ElRey fez logo remar a terra, e como os que hiaõ nos bateis cada hum dezejasse para si a honra de ser o primeyro que sahisse, foy a voga feyta com tanta pressa, que quasi todos juntos varãraõ na praya de modo, que nunca se pode saber na verdade qual fora o primeiro que chegãra, nem a primeira pessoa que sahira: os quaes naõ achãraõ o desembarcadouro taõ facil como cuydavaõ, porque na praya estavaõ mais de quinhentos Mouros de cavallo, e muytos de pè: com tudo como os nossos levassem bom dezejo de pelejar, assim como sahiraõ dos bateis, os acometerãõ de maneyra, que com perda de alguns dos seus que alli morrerãõ, se começãraõ de recolher huns para a Villa, e outros para a ferra. Dos nossos ao desembarcar foraõ muitos feridos, dos quaes morrerãõ Ruy Gonçalves de Marchena, Capitãõ de homens de pè, e Ruy Barreto Comendador da Ordem de Cristo, homens nobres, e bons Cavalleyros, e na fugida dos Mouros, por seguir o alcance delles atè muyto perto da Villa, Joãõ Fernandes Darca, homem

nobre e bem cortezaõ lhe deraõ huma pedrada, de que logo cahio morto. Isto acabado sobreveyo a noyte, na qual ElRey mandou tirar da Frota todos os petrechos necessarios para o combate da Villa, porque já estava certo pelo recontro passado, e modo que via nos Mouros, que fõ com gente, sem outros instrumentos de guerra a naõ poderia tomar taõ cedo como cuydava, e lho tinhaõ dado a entender. Posto tudo em ordem para ao outro dia, que era terça feyra, se dar o combate, os Mouros conheçeraõ bem suas vidas, pessoas, e Villa, estarem em mór perigo do que cuydavaõ, e para remedio dellas faziaõ novos repayros, e defensas, e as feytas fortificavaõ o melhor que podiaõ com muita diligencia; mas ElRey lhes naõ deu tanto tempo, nem lugar, quanto elles cuydavaõ: porque como todas as cousas pertencentes ao combate foraõ postas em ordem, e as estancias repartidas, e distribuidos os lugares do combate, mandou logo tocar as trombetas, e fazer rosto às tranqueyras da Villa, as quaes foraõ cometidas taõ bravamente, que ainda que os Mouros se defendessem com muitas panellas de fogo, e tiros de artelharía, como esforçados homens, naõ podendo softer o peso da peleja, se recolheraõ para a Villa. Os nossos vendo fugir os inimigos, subindo por ellas, alguns, e outros entrando por buracos, que nellas fizeraõ, lhes seguaõ o alcance; do que sendo sabedores os de cavallo da Companhia do Infante D. Henrique, quebraraõ as portas das mesmas tranqueyras, e entrando de tropel por ellas, foraõ cometer as da Villa, as quaes por serem barradas de grossas chapas, e laminas de ferro, naõ puderaõ quebrar, por muyto que nisso trabalhassem, alèm do qual inconveniente tinhaõ outro mór, que era a grande resistencia, que os do muro faziaõ com tiros de arremesso, e materiaes de fogo, que de cima lançavaõ, do que com muyto dano foraõ constragidos a se afastar deyxando o combate, atè que se puzessem as mantas ao muro, e outros engenhos, para com menos perigo entrarem a Villa. Este combate durou atè Sol posto, no qual dos nossos foraõ muytos feridos, e nenhum morto.

CAPITULO XIII.

*Do segundo combate, que ElRey mandou dar á Villa,
e de como foy tomada a partido.*

ANojado ElRey da resistencia, que achava nos da Villa, mandou chegar as mantas, e outros engenhos de guerra ao muro, o que ordenado, andando sempre em sua companhia o Infante D. Fernando, se foy para a parte da Villa, onde o Infante D. Henrique estava dando combate com escadas, que já tinha postas no muro; pelo que mandou logo tocar as trombetas, com o som das quaes quasi de novo se começou de todas as partes huma peleja, ao que não faltava o grande animo de ElRey, que correndo todas as estancias acompanhado de sua guarda, dava ordem ao que se havia de fazer, o que tudo era muy necessario, porque os Mouros se defendião como bons caualleiros, resistindo ao combate, e lançando das escadas abayxo os que querião sobir por ellas, o qual negocio durou até a mea noyte, em que de ambas as partes houve alguns mortos, e feridos; o que vendo o Infante D. Henrique, como bom soldado, e pratico nas coulas da guerra, determinou de tomar outro caminho, para com menos perda, e trabalho ganhar a Villa, mandando assentar huma bombarda grossa onde lhe pareceo que o tiro faria mor dano, a qual mandou ao bombardeyro, que carregasse bem, promettendo-lhe que lhe faria mercè, se com ella fizesse entrada no muro, o que elle fez muyto á vontade do Infante: porque do primeyro tiro derubou hum bom lanço d'elle, e continuando em sua obra, viraõ os Mouros que contra a furia daquella bombardanaõ havia resistencia; assim que com o trabalho que já tinhaõ passado, e pouca esperança debreve soccoro, e sobre tudo cos prantos, lagrimas, e choros das mulheres, que os forçavaõ a terem mais conta com suas vidas, dellas, e de seus filhos, que com suas proprias honras, fizeram logo de cima do muro sinal de paz, pelo que o In-

fante mandou deter o combate , e cessar o arroido da gente para saber o que queriaõ , os quaes lhe disseraõ , que confiados na bondade , e misericordia de ElRey , lhe queriaõ entregar a Villa como fosse dia , a condigaõ de os deyxarem sahir della livremente sem receber dano ; levando comsigo suas mulheres , filhos , familiares , e fazenda. O Infante lhes respondeo ,, que ElRey seu Senhor ,, naõ viera alli buscar haveres , nem thesouros , se naõ ,, servir a Deos , pelo que da sua parte lhes dava lugar ,, para sahirem do modo que pediaõ , com tanto que deyxassem na Villa todos os cativos Christãos , que nella ,, houvesse , e que para isso dèsses logo refens ; ,, os quaes vendo que tinhaõ impetrado do Infante o que requeriaõ , lhe pediraõ que fosse sua mercè mandar que o combate cessasse , para fazerem prestes seu fato , e se sahirem da Villa com deyxarem os cativos. O Infante lhes respondeo ,, que tal naõ faria sem primeyro ter os refens no ,, arrayal. ,, Entaõ lhe pediraõ huma só hora para lhos mandarem , a qual hora de treguas , como prudente , e sabio cavalleyro , lhes negou o Infante , dizendo ,, que se ,, por força os entrava , que pessoa se tomaria a vida , de ,, qualquer qualidade que fosse ; ,, dos quaes concertos logo ElRey , que andava com o Infante Dom Fernando visitando as estancias do arrayal , foy avisado pelo Infante Dom Henrique , a quem respondeo que nisso fizesse o que lhe bem parecesse. Vendo os Mouros a determinação do Infante , tomáraõ o conselho , que lhes hera mais proveytozo , que foy mandarem logo os refens por segurança da paz , os quaes o Infante mandou levar á tenda de ElRey , e assim se fez fim do combate com assaz perda , e dano de huma , e de outra parte. Ao outro dia pela manhã , que era quarta feyra 23. dias de Outubro de 1458. despejáraõ os Mouros a Villa , levando comsigo suas mulheres , filhos , e fazenda , sem dos nossos receberem nenhum aggravo : porque o Infante D. Fernando tomou a cargo a segurança delles , e se poz da banda do Sertão com sua gente , para defender que lhes naõ fosse feyto nojo ,
e tam-

e tambem para pôr vigias que não levassem comfigo nenhum Christão, ou Christãa cativo, para o que mandava visitar todos por se não cometer engano. Como a Villa foy despejada, que seria a horas de meyo dia, ElRey entrou nella a pè, e em procissão se foy á Mesquita, e a fez consagrar, e dedicar ao nome de nossa Senhora da Conceyção onde já achou hum Altar posto em ordem para diante delle poder fazer oraçãõ, como fez, com os que ahi com elle estavaõ, dando muytas graças a Deos pela grande mercè, que lhe tinha feyto. Isto foy no anno da Egezira de oytocentos e sessenta e tres, conta que os Arabios, e Mouros tem do tempo que Mafamede, seguido de muyta gente, por caso de sua seyta se retirou á Villa de Medina Thenebi, que quer dizer Cidade do Profeta, situada quatro jornadas do mar de Arabia, onde o dito Mafamede está sepultado, a qual conta dos Arabios começa variamente, porque fazem os annos de doze Luas inteyras.

C A P I T U L O XIV.

Do que ElRey fez no tempo que esteve em Alcacer, e como se passou dalli a Seuta.

DEpois que ElRey tomou Alcacer, a primeyra couza que fez, foy mandar fortalecer as partes dos muros, e follos, que lhe pareceo terem disso necessidade, e da artelharia que comfigo trazia, mandou assentar alguma nos lugares, em que melhor podia servir, no que se trabalhou os dias que ahi esteve, que foraõ quarta, quinta, sexta, Sabbado, e Domingo; e porque o officio, que ElRey em todo o tempo de sua vida com mòr cuydado teve, foy fazer mercès, e galardoar os serviços, que lhe faziaõ no meyo destes trabalhos, alèm de armar muytos Cavalleyros daquelles que o bem mereciaõ, e lhes fazer muytas mercès de sua propria, e liberal vontade, deu a Capitania, e governança daquella Villa a D. Duarte de

Mez

Menezes, filho de Dom Pedro de Menezes Conde de Villa-Real, primeyro Capitaõ que foy da Cidade de Seuta, com a negar a muytos, que por si, e por meyo dos Infantes é outras pessoas valerosas lha requeriaõ. Mas El-Rey lembrado dos grandes, e leaes serviços de Dom Duarte de Menezes, e das promessas que de palavra, e por seus affinados lhe tinha feytas, lhe deu este honroso cargo, com publicamente dizer que comparando seus merecimentos com a mercè, lhe ficava ainda em muyta divida pela obrigaçaõ em que lhe era, a qual esperava em Deos lhe agalardoar, e satisfazer pelo discurso do tempo; das quaes palavras taõ proprias á obrigaçaõ do estado, e pessoa Real, e á mercè de tanta confiança, houve grandes invejas entre os nobres que alli estavaõ, com murmuraçoens costumadas em casos, onde a mesma inveja tem mór lugar, a qual assim como os feytos da honra sempre comem o mais alto dos pensamentos do homens, assim ella como chama de fogo ardente, com o fumo que de si lança, busca o mais alto de todas as cousas, a que pode chegar, atè se comfigo mesma consumir, e apagar, sem empecer a outrem se naõ aquem a em si mesmo gera, e cria. E tornando á nossa historia, depois que El-Rey acabou de ordenar todas as cousas, que com parecer dos Infantes, e dos do seu conselho assentou serem necessarias para guarda, e defenfa da Villa, e tomar a D. Duarte de Menezes homenagem do cargo, e officio de Capitaõ, e Governador de Alcacer, se partio á segunda feyra para Seuta.

CAPITULO XV.

Do sitio, nobreza, e antiguidade da Cidade de Seuta.

POis faley da Cidade de Seuta, naõ parece razaõ passar por sua antiguidade, e nobreza do modo que o fez Gomes Eannes de Zurara na historia que escreveo de como a El-Rey D. Joaõ o primeyro de boa memoria tomou

aos Moros, da qual segundo affirmão os Escriitores Arabios, o principio, e nobreza procede dos Romanos, posto que fosse fundada por hum neto de Noè, duzentos e trinta annos depois do Diluvio, segundo affirma Abilabez Escriitor de muyta authoridade entre os Mouros, de quem o dito Gomes Eannes faz menção no principio da mesma historia da tomada de Seuta; a qualquer Cidade em tempo dos Romanos, segundo dizem os mesmos Escriitores Arabios, se chamava Civitas Romanorum, que quer dizer Cidade dos Romanos, e a causa, porque em tempo delles era taõ frequentada, e povoada, foy porque o lugar, onde está situada, que he na boca do Estreyto de Gibraltar legua e mea de ferra Ximeyra, a que os antigos chamaõ Abila, lhes servia muyto para com menos trabalho poderem passar de Hespanha a Africa, e terem naquelle lugar certa, e segura desembarcação para suas Armadas, tanto pelo porto ser bom, como pela passagem ser dalli a Gibraltar ao mais de cinco leguas. Neste tempo que era dos Romanos, cresceo tanto em grandeza, riqueza, e nobreza de Cidadãos, que veyo a ser cabeça de toda a Provincia da Mauritania. Estando assim nesta prosperidade, foy ganhada dos Godos no tempo, que passáraõ a Africa, ficando sempre em sua honra, e posse com os Governadores, que lhes alli os Reys dos Godos punhaõ; na qual dignidade continuou até o tempo em que os Arabes, e seguidores da seyta de Maíamede ganháraõ, e adqueriraõ para si toda a Mauritania, em cujo poder foy muyto mais prospera, que dantes, assim de nobreza de Cavalleyros, como de mercadores, e gente mecanica: porque as cousas que se nella lavravaõ de outro, prata, cobre, lataõ, e outros metaes, eraõ taõ perfeytas, que em artificio, e bondade faziaõ vantagem a todo genero de obra lavrada em Damasco; de maneyra que das desta qualidade, e de panos de lãa, e de linho, seda, tapetes, e outras cousas deste jaez, toda a Europa, e a mayor parte de Africa se provia daquella Cidade por mercadores que nella tratavaõ. A qual estando muy

prof

prospera no tempo que por erros de ElRey D. Rodrigo, e peccados seus, e de seus sobditos foy quasi toda Hespanha ganhada de Mouros, sequazes da seyta de Mafamede, era della Governador D. Juliaõ Conde de Espartaria, ou de Mancha, que dizem monte Aragom, o qual Conde era de geraçaõ dos Cesares, e naõ dos Godos, como alguns o escrevem, a quem ElRey D. Rodrigo dera a governança desta Cidade, e de outras na mesma Provincia, e porque ElRey houve manhosamente huma filha do mesmo Conde, que se chamava Cava, ou segundo alguns dizem, a Condesa Dona Fandina sua mulher, que era filha de ElRey Beriza, e irmãa do Bispo Dom Opas, o Conde affrontado de tamanha injuria, levou a Condesa a Seuta, tirando-a dissimuladamente da Corte, onde ella rezidia, com esperanças falsas, que lhe ElRey dava de casar com sua filha Cava; e depois fingindo estar a Condesa sua mulher muyto doente, alcançou licença para a mesma sua filha a hir vizitar: mas como o Conde esteve em Seuta, deu logo conta da injuria, que lhe era feyta, a hum Mouro bom cavalleyro, por nome Muza Abenazair, que segundo o escrevem os Arabios, em nome do Pontifice Abulet, ou Elgualid, filho de Abdulmalit naquelle tempo governava a parte de Africa, que entãõ era dos Mouros na mauritania, promettendolhe por se vingar de ElRey D. Rodrigo dar maneyra como seguramente entrasse em Hespanha; o que ouvido por Muza, avisou disso por suas cartas o Pontifice Elgualid, que entãõ rezidia em Damasco, do que areposta foy que elle em pessoa naõ passasse a Hespanha, mas que desse toda ajuda, e favor ao Conde Juliaõ que lhe pedisse; o que assim fez, donde se seguiraõ tantos males, mortes, e abominações da Fé de Jesu Christo nosso Senhor, quantas das historias, que disso trataõ, a todos saõ notorias. Isto foy no anno do Senhor de 719. em que corria a Egezira, e conta dos Arabios, em 91. annos, no qual anno os Mouros se senhorearaõ desta Cidade, ficando ella em sua prosperidade, em que (ainda que por duas vezes fosse ga-

nhada por força de armas, huma do Pontifice, e Rey Mumen, e outra de ElRey de Granada) esteve até o anno da Egezira 818. que he o anno do Senhor de 1415. em que a ganhou ElRey D. Joaõ, sendo della Capitaõ, e Governador em nome de Abuçaide Rey de Fez, hum homem muyto valeroso, e bom cavalleyro, por nome Calabencala. Escrevem os Mouros que esta Cidade de Seuta alem de muyta riqueza, poder, e exercicio de letras que nella havia, he em sitio, bondade de ares, e frescura da terra a mais util á vida humana, que todas as outras terras daquella Provincia de Africa, pela qual razaõ muytas pessoas de outras partes vinhaõ alli viver; fóra da qual ha hum valle contra a parte de Alcacer, muyto fertil, em que entaõ havia tantas quintas, e casas de folgar, que ao longe parecia ser tudo huma grande Villa, cuja frescura, segundo se escreve, espantava a vista de quantos o viaõ, no qual valle havia muytas vinhas, e parreyras, que pela quantidade fer tanta lhe chamavaõ vinhoens: com tudo as outras partes do Sertaõ saõ asperas, e de terra naõ muy fertil, nem proveytoza. Entre outros louvores desta Cidade se pôde por este, que está situada de maneyra, que de dentro, e de fóra se vé toda a ribeyra de Granada, cousa que acrescenta muyto em seu louvor, por ser muy aprasivel aos que nella vivem. E porque pôde por espanto huma tal Cidade, e taõ importante ao Reyno de Fez naõ ser logo soccorida, como razaõ o requeria, me parece que he bem dizer as cousas donde procedeo tamanho descuydo, que saõ as seguintes. No tempo em que ElRey Dom Joaõ ganhou esta Cidade aos Mouros, reynava em Fez Abuçaide, de quem fiz mençaõ, homem dado a vicios, e máos costumes, e que naquelle mesmo tempo, que lhe deraõ as novas que Seuta era tomado de Christãos, estava em Fez fazendo festas, e banquetes, nos quaes continuou sem fazer conta de tamanha perda, nem mandar soccoro para ver se poderia cobrar cousa taõ nobre como tinha perdida, cuja vida soy sempre tal, segundo dizem os historicos.

Arabios, que por muytos erros, a que o cada dia seus peccados induziaõ, permitio Deos que naquelle tempo o mataste hum seu Vizir, que he Justiça mór, que tambem era seu Secretario, por nome Abubaba, homem poderozo no Reyno, a quem o dito Rey tinha feytas muytas mercès; com tudo elle o matou ás punhaladas, porque lhe forçára sua mulher, e naõ taõ sómente o matou a elle, mas ainda a feis filhos seus, o que aconteceo no anno da Egezira de 824. do qual negocio se seguiraõ grandes divisoens, e desconcertos no Reyno de Fez, ficando oytto annos sem Rey, tempo em que Muley Buçaide, homem principal no Reyno, se levantou contra seu proprio irmaõ, por nome Muley Aco, que se queria fazer Rey, e tiveraõ entre si tanta guerra, e dissencõens, que nunca se pode pór em obra virem os do Reyno de Fez cercar a Cidade de Seuta, posto que El Rey de Granada, chamado o Rey esquerdo, homem muyto valerozo, e de grande coraçãõ, a viesse cercar por mar com grossa companhia de Mouros de Hespanha, como atraz fica dito; e no fim destes oytto annos, que o Reyno de Fez esteve sem Rey, se descobrio hum filho do sobredito Rey Abuçaide, e de humma Christãa, que fugira para Tunes com hum filho, sendo ainda crianca quando matáraõ seu pay, que se chamou Habdulahed, o qual de pois de reynar algum tempo, por tyrannia, e mào governo morreo ás mãos do povo, sem deyxar filho, e este foy o derradeyro Rey da casa dos verdadeyros Marins, até aquelle tempo, que era geraçãõ Real, como em Hespanha a dos Godos, donde os Reys della descendem.

CAPITULO XVI.

Do que El Rey D. Affonso fez o tempo que esteve em Seuta, e de como se tornou ao Reyno.

E Stando El Rey em Seuta, vendo o sitio, e grandeza, que representavaõ as antiguidades della, conheceo tamanho feyto El Rey D. Joãõ seu avo fizera em ganhar

nhar huma tal Cidade , e taõ necessaria para bem , e segurança , naõ taõ lõmente de seus Reynos , e dos de Castella , mas ainda de toda a Christandade , e quanto nisto mais cuydava , tanto seu grande , e invenível animo o atormentava mais , com lhe pôr no pensamento , que em comparaçãõ de tamanha vitoria tinha feyto pouco em ter tomada huma taõ pequena Villa , como era Alcacer , revolvendo em seu coraçãõ que por sua honra naõ devia tornar ao Reyno sem primeyro tomar Tangere. Andando nestes pensamentos provendo algumas cousas da Cidade , em que por ser presente era necessario que entendesse , soube por certo que Moley Abdehac Rey de Fez , que era o mesmo que reynava quando os Infantes D. Henrique , e D. Fernando , irmãos de ElRey D. Duarte , forãõ sobre Tangere , vinha com trinta mil de cavallo , e muyta gente de pé cercar Alcacer , e com elle , alèm de outros senhores , Moley Aboaçim , Benautuz , grande seu privado , e graõ seehor naquelle Reyno , por cujo parecer , e conselho se governava , e que eraõ já chegados a Tangere , do que tambem foy avisado por cartas de D. Duarte , a quem logo respondeo , e mandou soccoro de gente , e mantimentos. E porque alèm do pensamento de tomar Tangere , seu dezejo era ficar em Seu-ta , para dalli como fronteyro fazer guerra aos Mouros , teve sobre isso conselho , no qual houve varios pareceres , mas a resoluçãõ foy que sua hida para o Reyno parecia mais necessaria , que ficar do modo que queria ; com tudo porque sua partida havia de ser subita por caso da grande Armada que alli tinha , a qual naõ podia foster muytos dias , tanto por causa dos mantimentos , que lhe já começavaõ de faltar , como pelas grandes , e insupportaveis despezas de soldos , e fretes , a que já suas rendas , nem as ajudas de seus povos podiaõ supprir , que seria bem , pelos Mouros naõ dizerem que fugia com medo de ElRey de Fez , mandallo desafiar para batalha campal ; o que seguramente podia fazer , pois comfigo tinha gente em abastança , e assim poderia partir com
hon.

honra, e louvor cada vez que quizesse: o que a ElRey pareceo bem, pelo que logo acordou mandar a Tangere Martim de Tavora, e Lopo de Almeyda com huma carta de desafio para ElRey de Fez, notada com toda a cortezia, que a Reys convem, e com elles mandou hum Rey de armas para desafiar ElRey, mas o negocio naõ veyo a lume; porque sabendo elle ao que vinhaõ, em lugar de os ouvir, mandou tirar bombardadas aos navios de maneira, que lhes foy necessario alargarem-se da praya. Martim de Tavora vendo a tençaõ de ElRey de Fez, se foi para Alcacere desejoso de ganhar honra no cerco, que já começavaõ, o que tambem fizeraõ alguns outros Fidalgos, e Cavalleyros dos que estavaõ em Seuta, onde Lopo de Almeyda se tornou com as novas do recebimento, que em Tangere lhes fizeraõ; o que sabido por ElRey D. Affonso, se embarcou, e com toda sua Armada veyo lançar ancora diante da Villa de Alcacere, a qual estava já cercada pela banda do mar, e da terra de modo, que teve por escusado estar alli mais, vendo que naõ podia lançar gente na Villa, nem darlhes mais vitualhas das que já dentro tinhaõ, que era para tempo de tres mezes. Isto assentado, partio logo para o Reyno, e com bonança chegou a Faro no Reyno do Algarve, donde se foy a Evora com tençaõ de em pessoa tornar a soccorer Alcacere, o que naõ pode fazer por lho estorvarem outros negocios, que lhe succederaõ no Reino; com tudo dos seus, e de sua casa mandava cada dia, atè que soube por certo ter a Villa descercada: e porque tenho promettido de no discurso desta historia dizer por ordem tudo o que tocar ás novas navegaçoens, que destes Reinos se faziaõ pelo mar Oceano, he bem que se sayba como neste anno de 1458. confirmou ElRey Dom Affonso huma ley, e ordenaçãõ, que o Infante D. Henrique fez, em que declarava que as pessoas, que tratassem do Cabo de Naõ por diante, de quaesquer mercadorias, e escravos que trouxessem ao Reyno, pagassem á Ordem da Cavallaria de nosso Senhor Jesu Christo a vintenta; e diz a carta que naquelle tempo eraõ já

já descubertas trezentas leguas de costa além deste Cabo da Naõ. No mesmo anno fez ElRey doação ao Conde D. Pedro de Menezes da Villa de Almeyda com seus termos, e rendas.

C A P I T U L O XVII.

De algumas cousas, que deste tempo até a tomada de Arzilla passáraõ nestes Reynos.

DO que nestes Reynos succedeo depois da tomada de Alcacere, até que ElRey D. Affonso determinou de hir sobre a Villa de Arzilla, a primeyra cousa foy o cerco, que no mesmo anno de mil e quatrocentos e cincoenta e oyto por espaço de cincoenta e tres dias ElRey de Fez poz a Villa de Alcacere, como no Capitulo a traz fica dito, do qual foy constangido pelos nossos se partir a dous dias de Janeyro de 1459. no qual anno tendo já D. Duarte acabada huma couraça, que ElRey D. Affonso lhe mandára fazer em Alcacere, tornou outra vez o dito Rey de Fez no principio de Julho com graõ poder de gente a cercar a Villa, e a teve cercada outros cincoenta e tres dias; mas desesperado de poder cobrar, mandou com muyta affronta sua, e reprehensõens, que muitos dos seus lhe davaõ, levantar o cerco, dos quaes dous cercos naõ trato aqui particularmente por Gomes Eannes de Zurara o fazer na Chronica do Conde de Viana D. Duarte de Menezes, Capitaõ, e Governador da mesma Villa de Alcacere, com a superflua abundancia, e copia de palavras poeticas e metaforicas, que usou em todas as cousas, que escreveo. Neste anno deu ElRey D. Affonso o regimento do Reyno do Algarve a D. Sancho Conde de Mira com titulo de Adiantado, sobre o qual negocio os nobres, e Conselhos do dito Reyno se aggraváraõ a ElRey, e assim a Cidade de Lisboa de maneyra, que logo no mesmo anno ElRey por suas cartas patentes lhes prometteo de naõ dar mais poder ao di-

to Conde, do que lhe tinha dado, e que por sua morte não poria mais Regedor no dito Reyno.

E no anno seguinte de mil e quatrocentos e sessenta D. Duarte com licença de ElRey veyo ao Reyno, deyxando por Capitaõ de Alcacere D. Affonso Telles seu sobrinho, ao qual D. Duarte ElRey em galardão de seus bons serviços fez Conde de Viana de Caminha. Neste tempo no mez de Agosto faleceo em Thomar de febres D. Affonso, Marquez de Valença, filho primogenito de D. Affonso Duque de Bragança, sem casar, nem deyxar mais que hum filho natural, por nome D. Affonso, que foy Bispo de Evora, que elle houve de Dona Beatriz filha de Martim Affonso de Sousa. Deste D. Affonso Bispo de Evora ficáraõ dous filhos, a saber, D. Francisco, primeyro Conde de Vimiozo, a quem com razaõ podemos chamar outro Cataõ Censorino no saber, e prudencia, porque tal o foy elle vivendo, assim nas cousas da paz, como da guerra, como no conselho dos Reys, que servio, D. Manoel, e D. Joaõ terceyro seu filho, cujo Veador da fazenda foy doqual Conde he filho herdeyro mais velho D. Affonso, que hoje vive tambem Conde do mesmo titulo do Vimiozo, e Veador da fazenda; o segundo D. Martinho Arcebispo do Funchal, homem de altos pensamentos, e grande cortesaõ na Corte de Roma, onde muytos annos residio em serviço destes Reynos com muyta honra, e grande familia, do que eu sou boa testemunha de vista. No mez de Setembro confirmou ElRey ao Infante D. Fernando ser irmaõ as Ilhas de Jesu Christo, e Graciosa, que o Infante D. Henrique seu tio, como a filho adoptivo lhe deu por carta dada na Villa da Villa do Infante a dous de Agosto do mesmo anno de 1460. no qual anno aos treze dias do mez de Novembro ás onze horas da noyte faleceo em Sagres este inclyto Principe Infante D. Henrique, magnanimo, virtuozo, de gloriosa memoria, em idade de sessenta e sete annos, de cuja morte todo o Reyno teve grande sentimento; seu corpo foy logo enterrado na Igreja de

Lagos, donde no anno seguinte o Infante D. Fernando; seu filho adoptivo, levou sua ossada ao Mosteyro da Batalha, onde a ElRey Dom Affonso, que alli a estava esperando, mandou por na Capella de ElRey D. Joaõ I. seu pay em sua propria, e separada sepultura com muyta honra, e solennidade; por cujo falecimento por carta dada a tres dias de Dezembro ElRey fez doaçaõ ao Infante Dom Fernando seu irmaõ para elle, e para seu filho das Ilhas da Madeyra, Porto Santo, Deserta, S. Luiz, S. Diniz, S. Jorge, Santo Thomaz, Santa Eyria, de Jesu Christo, Graciola, S. Miguel, Santa Maria, Santiago, e S. Philippe, das Mayas, S. Christovaõ e Halana, e aos 28. dias de Novembro depois do falecimento do dito Senhor Infante houve ElRey por bem que Alvor ficasse por termo de Sylves; e porque nos tempos atraz houve entre estes Reynos, e os Duques de Bretanha grandes differenças, e occasioens de guerra por respeyto de se fazerem de huma, e de outra parte grandes danos, e represalias entre os sogeytos, e vassallos, ElRey D. Affonso, como era valerozo, e de animo irrevencivel, naõ podendo sofrer as queyxas, que os seus lhes faziaõ, dos danos que receberaõ dos Bretões, poz nisto tal ordem, que o Duque de Bretanha, que entaõ vivia, vendo quaõ mal tratados seus sogeytos eraõ dos Portuguezes, houve por bom partido mandar pedir a ElRey paz, e amisade, a qual lhe concedeo neste anno de 1460. e deu licença, e privilegio aos sogeytos do dito Duque de Bretanha para poderem livremente vir por mar, e por terra tratar a estes Reynos, o que de antes naõ oulavaõ fazer.

E no anno de 1461. fez ElRey Dom Affonso pura doaçaõ a Dom Pedro, filho primogenito do Infante Dom Pedro, das Villas de Penela com seu castello, Villanova Danços, Buarcos, e da Villa, e Castello de Montemor o Velho, e de Tentugal, e dos Reguengos de Campores, e do Rabaçal de juro, e fez doaçaõ a Dom Fernando Marquez de Villaviçosa, filho de Dom Affonso

Duque de Bragança, morrendo primeiro seu pay que elle, do castello de Melgaço, Crasto Leboreiro, e Castello de Piconha com toda sua jurisdicção. No mesmo anno fez doação ao dito Dom Fernando por falecimento do Duque seu pay da Villa de Guimaraes por carta dada a seis de Dezembro, e a Dom Fernando seu filho fez mercê de Fronteiro mór dentre Douro, e Minho, e Traz os Montes, do modo que o fora o Duque de Bragança Dom Affonso seu avo, que faleceo neste mez, e anno, cujo corpo jaz sepultado em Chaves, no qual anno deu ElRey licença ao dito D. Fernando neto do Duque Dom Affonso para o hir servir em Alcacer seguer, onde esteve os mezes de Abril, Mayo, e Junho, com duzentos de cavallo, e mil de pè, em que ganhou muita honra, assim no muyto que despendeo, como nas entradas que fez por terra de Mouros, em que algumas vezes chegou até as portas de Tangere. Neste mesmo anno se tratou casamento da Infanta Dona Catharina, irmãa de ElRey Dom Affonso com Dom Carlos Principe de Aragaõ, e de Navarra, por cujo falecimento foy outra vez desposada com D. Duarte Rey de Inglaterra, e sem nenhum destes casamentos haver effeito, ella faleceo de febres em Lisboa no Mosteiro de Santa Clara aos 17. de Junho de 1463. cujo corpo está sepultado no Mosteyro de Santo Eloy da mesma Cidade, em entrando pela Igreja na Capella mór da mão esquerda, em huma sepultura de pedra, que o Cardial de Portugal D. Jorge da Costa seu Mestre, e Capellaõ que fora, por gratificar em partes as mercès, que della recebera, alli lhe mandou fazer, a imagem da qual Senhora ainda hoje em dia está dependurada na mesma sepultura, pintada de cores, em huma pequena taboa quadrada, da qual se mostra que foy mulher de bom parecer.

No anno seguinte de 1462. deu ElRey a D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, de juro a Villa Dabiul, com a qual doação acabou de dar ao dito D. Pedro todas as terras, que ElRey D. Joaõ I. e a Rainha Dona Filippa

fua mulher, e ElRey D. Duarte deraõ ao Infante D. Pedro, no que ElRey claramente mostrou o amor, que tinha ás cousas do dito Infante seu tio, e deu por carta a governança de Seuta ao Conde D. Pedro de Menezes, Senhor de Almeyda, com todos os direytos, que rendem os dez reaes, que para a dita Cidade pagaõ os Dentre Douro, e Minho, e Tralos montes declarados na doçaõ, na qual lhe chama primo, Capitaõ, e Governador da dita Cidade, com declaraçaõ que lhe dá o tal cargo do modo, que o tiveraõ o Infante Dom Henrique seu tio, e o Infante D. Fernando seu irmaõ; ao qual Infante Dom Fernando neste anno aos 19. dias de Setembro ratificou, e confirmou a doçaõ, que lhe fizera no anno de 1457. das cinco Ilhas de Cabo Verde, que descobrira Antonieto de Nole Genoves, a saber, de Santiago, S. Filippe, das Mayas, de S. Christovaõ, e do Sal, e de todas as que por mandado do dito Infante fossem achadas nas partes de Guinë, que até entaõ eraõ sete, a saber, a Ilha Brava, a de S. Nicolao, S. Vicente, a Rasa, a Branca, a de Santa Luzia, e a de Santo Antonio, todas atravez de Cabo Verde, cujos nomes já atraz declarey, e lhe confirmou a doçaõ, que lhe fizera o Infante D. Henrique no anno de mil e quatrocentos e sessenta, das Ilhas de Jesu Christo, e da Graciosa.

E logo no anno de 1463. passou ElRey a Africa no mez de Dezembro com tençaõ de tomar a Cidade de Tangere aos Mouros, tendo já no anno atraz mandado dissimuladamente a este negocio D. Pedro de Menezes Conde de Villa-Real, a qual empreza lhe succedeo ao contrario do que cuydava, porque perdeu muita gente na viagem por respeyto da aspera tormenta, que passou no mar, e assim pelo combate, que se deu á Cidade aos vinte dias de Janeyro de 1464. e em huma entrada, que elle mesmo fez pelo Sertaõ até a ferra de Benacofu, onde os Mouros matáraõ o Conde de Viana D. Duarte de Menezes, Capitaõ, e Governador de Alcacer seguer,
sen

sendo já o Infante Dom Fernando seu irmão tornado para o Reyno, e Dom Pedro filho do Infante Dom Pedro (que nesta viagem se achou com muy luzida e nobre companhia) partido para Aragaõ com vontade, e licença de ElRey em duas galez de Barcelona, que os Estados daquelle Reyno lhe mandáraõ secretamente para sua embarcaçaõ, tendo-o entre si elegido por Rey por falecimento de ElRey Dom Affonso de Aragaõ, e de Napoles, no qual Reyno o dito Dom Pedro tinha acçaõ, por ser neto de Dom Jaymes Conde de Urgel, pay da Infanta Dona Isabel mãy do mesmo Dom Pedro, casada com o Infante Dom Pedro, filho de ElRey Dom Joaõ da boa memoria; o qual Dom Jaymes Conde de Urgel era filho de ElRey Dom Affonso, e irmão de ElRey D. Pedro, e tio de ElRey Dom Joaõ, e Dom Martinho Reys de Aragaõ, e irmão da Rainha Dona Leonor, mulher de ElRey Dom Joaõ de Castella, mãy do Infante Dom Fernando, q̄ foy Rey de Aragaõ, pay de ElRey Dom Affonso arriba nomeado, que morreo sem deyxar filho herdeyro, o qual Reyno a este inclyto Principe anticipou a morte com peçonha, que lhe deraõ, e jaz sepultado na Sè de Barcelona, onde se lhe este ingrato serviço fez. Neste tempo do cerco de Tangere ElRey Dom Affonso passou de Seuta a Gibraltar a se ver com ElRey D. Henrique de Castella, que de Madrid se viera a Sevilha, e de Sevilha a Gibraltar, a qual partida de Madrid, por ser subita, poz o Arcibispo de Toledo, e o Marquez de Vilhena em grande confusaõ, e receyo de suas pessoas, por a naõ haver consultada com elles; pelo que começáraõ logo de conciliar os grandes do Reyno contra ElRey, o qual nestas vistas de Gibraltar tratou casamento entre ElRey Dom Affonso, e a Infanta Dona Isabel sua irmãa, e entre a Infanta Dona Joanna sua filha (que ao mais podia ser de idade de tres annos) com o Principe Dom Joaõ filho de ElRey Dom Affonso, os quaes casamentos foraõ alli jurados, e solennizados nas mãos de Dom Jorge da Costa Bispo de Evora, que depois
foy

foy Arcebispo de Lisboa, e Cardial de Portugal; com tudo elles não houveraõ effeyto; como ao diante se ditá, e dalli se tornou ElRey a Seuta: neste anno de 1463. deu ElRey a Dom Pedro, Conde de Villa-Real, neto do Conde Dom Pedro, a Capitania, e governança da mesma Cidade de Seuta para hum seu filho, ou para a deyxar a D. João seu irmão, e a D. Fernando de Bragança fez doação de juro do Castello de Guimaraens com todas as rendas da Villa, salvo a dizima, e lhe deu a Villa, e Castello de Monforte, assim como a trazia o dito Duque seu pay, depois de seu falecimento.

No anno seguinte de 1464. ElRey se veyo ao Reyno, onde depois de chegado se foy logo em romaria a Guadalupe, no qual caminho no lugar da ponte do Arcibispo se vio com ElRey D. Henrique, e com a Rainha Dona Joanna sua irmãa sobre os mesmos cazamentos, e no mesmo anno fez doação do Castello, e Villa de Lagos ao Infante D. Fernando seu irmão, e a D. Fernando Conde de Guimaraens deu todos os padroados das Igrejas, e Mosteyros da dita Villa, e deu a Villa Dabiul, que era de D. Pedro seu primo, depois d'elle ser hido para Aragoã, a Lopo de Albuquerque, e declarou por dito dos Mouros de Benamarim, e Gaderez, e por conselho de seus letrados, que a conquista da dita Provincia pertencia a D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, como Capitaõ, e Governador da Cidade de Seuta, e não a Dom Duarte de Menezes, Conde de Viana, Capitaõ, e Governador da Villa de Alcacere, já defunto, nem a D. Henrique seu filho, Conde de Viana, que entãõ era Capitaõ, e Regedor da dita Villa de Alcacere, e ao dito Conde D. Henrique, respeytando aos serviços de Dom Duarte seu pay, fez Conde de Valença, e Senhor da Villa de Caminha, o qual D. Henrique foy depois Conde de Loulé.

No anno de 1465. a Rainha D. Joanna de Castella irmãa de ElRey veyo, á Cidade da Guarda pedirhe socorro, e ajuda contra os que queraõ despojar a ElRey
Dom

Dom Henrique seu marido do Reino e dallo ao Infante Dom Affonso seu irmaõ, que já tinhaõ jurado por Rey de Castella, a qual ajuda naõ teve effeyto: por quanto o Infante faleceo depois de ser desbaratado em batalha campal por ElRey Dom Henrique seu irmaõ, como adiante se dirá, no qual anno se fez huma virtuosa convençaõ entre os filhos de Dom Fernando Duque de Bragança, Marquez de Villaviçosa, Conde de Barcellos, de Ourem, e de Arrayolos, na qual Dom Joaõ, e Dom Affonso, e Dom Alvaro prometteraõ que sendo caso que seu irmaõ mais velho Dom Fernando, Conde de Guimaraens, falecesse antes do Duque seu pay, elles todos tres desistiaõ, da acçaõ, que lhes o direito pudesse conceder, de herdarem as terras, e senhorios do Duque seu pay, mas antes livremente as houvessem os filhos do dito Dom Fernando, se lhas elle deyxasse, e que nesta parte os netos precedessem aos tios, declarando logo que isto faziaõ pela muita obrigaçaõ, em que eraõ ao dito Dom Fernando seu irmaõ, por consentir em muitas doaçoes, que o Duque seu pay lhes tinha a elles feitas de bens, em que elle D. Fernando, como filhõ mais velho, por direyto havia de succeder, e de tudo isto se fez escritura publica, confirmada por ElRey de todas as doaçoes, que tinha feitas a D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, declarando que naõ convinha a bem destes Reynos ter nelle heranças, porque devesse reconhecer vassallagem, e obrigaçaõ de o servir a elle, e a seus Reynos, sendo elle dito Dom Pedro Rey de Aragaõ; no qual anno fez ElRey doaçãõ da Villa de Penella com todo seu termo a D. Affonso de Valconcellos, e fez doaçãõ a D. Joaõ Coutinho, havendo respeyto aos serviços do Conde D. Gonçalo seu pay, que morrera em Tangere, do Condado de Marialva com todos os Castellos, Fortalezas, rendas e senhorios, assim como seu pay, avós, e visavós os tiveraõ de ElRey D. Fernando, e de ElRey D. Joaõ o I. e de ElRey D. Duarte, assim por cartas, como por Alvarás, e aos 26. dias de Outubro del

te anno se finou em Arevalo a Infanta Dona Isabel, mulher do Infante D. Joaõ, filho de ElRey D. Joaõ o I. onde fora vizitar a Rainha Dona Isabel sua filha, mulher que fora de ElRey D. Joaõ II. de Castella.

No seguinte de 1466. se fizeraõ os concertos do casamento do Principe Dom Joaõ com Dona Leonor filha mais velha do Infante Dom Fernando seu tio, e da Infanta Dona Beatriz, e aos 12 dias de Junho do mesmo anno deu ElRey privilegio aos moradores da Ilha de Santiago, que he atravez de Cabo Verde, a requerimento do Infante D. Fernando, Senhor da dita Ilha, como herdeyro que era do Infante Dom Henrique, para poderem tratar, e relgatar nas partes de Guiné com outras liberdades conteudas no privilegio, no qual se declara que havia já quatro annos que o dito Infante Dom Fernando mandára povoar esta Ilha, donde se claramente vê que o Infante D. Henrique faleceo no anno de 460. e naõ no de 462. como algumas pessoas o escrevem, que tambem dizem que estas ilhas de Cabo Verde foraõ achadas neste anno de 466. sendo ellas já povoadas, e proveytadas. No dito anno fez ElRey mercé a D. Alvaro de Castro, Conde de Montanto, Senhor de Cascaes, seu Camereyro mòr, do Reguengo de Campores, que fora de D. Pedro filho do Infante D. Pedro.

No anno de 1467. confirmou ElRey por carta a Capitania, e governança da Cidade de Seuta a D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, neto do Conde D. Pedro para elle, e para hum seu filho, qual lhe aprouesse, ou para seu irmaõ D. Joaõ. E mandou no mez de Agosto a Alcacer seguer Gomes Eannes de Zurara para se informar dos feytos, e proezas do Conde D. Duarte, e lhe fazer sua Chronica, como fez onde esteve hum anno, e a Chronica veyo acabar ao Reyno.

No anno 1468. passou o Infante Dom Fernando a Africa com huma Armada, de que os Escritores Arabios em suas historias fazem mençaõ, em que hiaõ dez mil homens, com a qual foy sobre a Villa de Anfa, que nõs chamamos

Anafé, e a que queymou, e destruhio sem nehuma resistencia: porque os Mouros sabendo da Armada, e boa gente, que o Infante levava, a despejáraõ antes que desembarcasse, a qual o Infante Dom Fernando mandou primeiro espiar por Estevaõ da Gama, Fidalgo de sua casa, que para mayor dissimulaçaõ foy là com hum navio carregado de figo passado do Algarve a modo de mercador, e para melhor conhecer o sitio da Villa elle meõmo em vestidos de marinheyro andava com as pellas de figos, e passa às costas, vendendo-as pela Villa, para notar o que nella havia, e a Fortaleza que tinha, e a gente que era necessaria para a tomarem. Os Escritores Arabios dizem que ElRey D. Affonso se moveo a mandar destruir esta Villa de Anafè, entre os Mouros muy nomeada, e celebrada por respeyto das entradas, que muytas vezes faziaõ na costa de Castella, e Portugal com galez e fustas, que tinhaõ bem armadas, de que estes dous Reynos continuamente recebiaõ muyto dano, da qual fermosura e grandeza daõ testemunho alguns edificios, que ainda hoje em dia se ahi vem. Neste meõmo anno fez ElRey mercè a D. Sancho de Noronha, Conde de Mira, da Villa de Aveyro do modo que elle a tinha para hum seu neto, que procedesse de seu filho D. Affonso, e de Dona Maria sua mulher.

No anno de 1469. naõ achey cousa que seja para escrever, salvo que neste anno por ElRey ter mais gasto da guerra de Africa, que dos descobrimentos, nem proveytos das cousas de Guinë; arrendou por cinco annos o trato destas terras descubertas a hum Fernando Gomes Cidadãõ da Cidade de Lisboa por preço, e quantia de cem mil reaes brancos cada anno, com condiçaõ que elle fosse obrigado a descobrir neste tempo cem leguas cada anno além da ferra Leoa, que era o extremo do que atè entãõ os nosos tinhaõ descoberto.

No anno de 1470. deu ElRey por carta a governança de Alcacere a D. Henrique de Menezes Conde de Valença, Senhor de Caminha, filho de D. Duarte de Menezes Conde de Viana, Ca pitaõ que fora da mesma Villa de Alca

cere, com dous milhoens, e 2024. reaes brancos, para
 rações de 400. homens de soldo, e cem meas reções de
 mulheres, moços, e outras pessoas de serviço, que orde-
 nou para lá estarem em guarnição, e deu neste anno a Pe-
 ro Lourenço de Tavora a Alcaydaria mór da Villa de Mi-
 randa, no qual anno aos dezoyto dias do mez de Setem-
 bro faleceo o Infante D. Fernando em Setuval de idade de
 37. annos, sendo presentes ElRey, e a Infanta D. Beatriz
 sua mulher, cujo corpo logo foy enterrado no Mosteyro
 de S. Francisco da Observancia, situado junto da Villa,
 donde depois seus ossos foraõ com grande solennidade
 trasladados ao Mosteyro da Conceyção de Bèja; o qual
 Infante teve de sua mulher seis filhos, e duas filhas, a saber
 D. Joaõ, a quem ElRey fez doaçaõ de todos os bens, que
 seu pay tinha da Coroa, o qual faleceo moço, por cuja
 morte ElRey deu tudo o que elle tinha a seu irmaõ segun-
 do, por nome D. Diogo, salvo o Mestrado de Santiago,
 que por consentimento da Infanta Dona Beatriz mãy do
 dito D. Diogo deu ao Principe D. Joaõ, Senhor desta his-
 toria; o terceyro foy D. Duarte, que faleceo moço em
 casa do Principe, que comfigo criava como irmaõ: o quar-
 to foy D. Diniz, o quinto D. Simaõ, que ambos morre-
 raõ muyto moços; o sexto foy D. Manoel, Rey felicissimo
 que foy destes Reynos: as filhas foraõ Dona Leonor,
 com quem o Principe Dom Joaõ casou no anno do Senhor
 de 1471. aos 22. dias do mez de Janeyro, sendo elle de
 idade de 16. annos, e ella de 13. a outra foy Dona Isabel,
 que casou com Dom Fernando Conde de Guimaraens,
 que depois foy Duque de Bragança, a quem (vivendo
 ainda o Duque D. Fernando seu pay) por respeyto deste
 casamento ElRey D. Affonso deu titulo de Duque da mes-
 ma Villa de Guimaraens.

CAPITULO XVIII.

De como ElRey Dom Affonso determinou passar a Africa, para tomar a Cidade de Tangere, e como por conselho, e parecer dos seus ordenou de hir sobre a Villa de Arzilla.

C Onfirmado o casamento do Principe D. Joaõ com a Princeza Dona Leonor, determinou ElRey de pôr em-obra hum pensamento, que sobre todos os outros trazia assentado em seu coração, que era passar a Africa, e hir cercar Tangere, sobre o que no anno atraz tivera muytos conselhos, mas o parecer dos mais foy ,, que por en-
 ,, taõ se devia deyxar a hida de Tangere, por ser Cidade
 ,, grande, e forte, e assim por no Reyno (por caso das
 ,, guerras passadas de Africa) naõ haver dinheyro para se
 ,, poderem pagar as despezas, que taõ grande empreza
 ,, requeria; mas visto o grande desejo, que ElRey mostra-
 ,, trava de querer passar a Africa, lhe foy pedido pelos Es-
 ,, tados do Reyno que houvesse por bem de hir sobre
 ,, Arzilla, e desistir por entaõ de querer tomar Tangere,
 ,, tanto pellas causas ditas, como por aquella Cidade
 ,, estar em posse de haver vitoria dos nossos, pellos que
 ,, parecia bem deyxalla em paz, atè que o tempo de si
 ,, deõsse occasiaõ para se cometer negocio de tanto pezo, e
 ,, perigo,, O que ElRey concedeo, de boa vontade por-
 que de qualche modo que fosse, sua tençaõ era passar a
 Africa; pelo que com muyta diligencia mandou fazer
 prestes por todos seus Reynos, e fóra delles as cousas ne-
 cessarias para sua passagem, mandando logo Pero de Alca-
 çova seu Escrivaõ da fazenda, pessoa de que muyto confia-
 va, e hum Vicente Simoens homem muyto pratico nas
 cousas do mar, e esperto nas daquella costa de Africa, que
 fossem pelo mais dissimulado modo que pudessem a Arzilla,
 fingindo serem mercadores, e lhe espiassem as forças della,
 e lugares donde mais a seu salvo pudesse desembarcar, o
 que elles fizeraõ com muyta prudencia, e bem attentado tudo

o a que foraõ se tornàraõ ao Reyno a dar razaõ a ElRey do que achàraõ.

C A P I T U L O XIX.

Como o Principe D. Joaõ alcançou de ElRey seu pay que o quizesse levar consigo, e do modo que nisto teve.

A Tenção de ElRey quando determinou passar a Africa foy deyxar o Principe por Governador do Reyno, e com elle D. Fernando primeyro Duque de Bragança deste nome; mas como os penensamentos do Principe em tudo passassem os limites da sua idade, propoz logo de haver licença de ElRey para o acompanhar em huma taõ santa empreza, no que andou alguns dias cuydadozo, por se não saber determinar se elle em pessoa descobrisse sua vontade a ElRey, ou lha mandasse dizer por outrem, e considerando que por ser taõ moço com era, poderia haver nelle menos authoridade da que convinha, para por si mesmo poder impetrar seu requerimento, determinou de descobrir sua tenção a D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, por ser pelloa de que elle muyto confiava, e saber que era muy aceyto a ElRey: assim que confirmado neste seu parecer, mandou dizer ao Conde que o mais dissimuladamente que pudesse se visse com elle, para lhe dar conta de algumas cousas que muyto lhe importavaõ, o que o Conde assim fez, com quem o Principe se apartou, dizendolhe,

„ Conde a muyta confiança que ElRey meu Senhor tem
 „ de vòs me dá ousadia a fazer o mesmo, e vos dar de
 „ mim, e de minhas couças parte, a huma para nellas
 „ me aconselhades, e a outra para se vos bem parecerem,
 „ me ajudardes no effeyto dellas; e por esta ser de tanto
 „ pezo, como logo ouvireis, eu a não quiz por mim,
 „ nem por outrem pòr em obra, esperando que vòs fosseis
 „ o guiaõ de meu requerimento, o qual vos rogo que se
 „ vos parecer desarrezoado, que sem nenhum pejo me

„ ti-

„ tireis do pensamento em que ando, do qual nem de
„ noyte, nem de dia deyxo de ser atormentado: e porque
„ naõ estejais mais suspenso no para que vos mandey cha-
„ mar, sabey que eu me acho affrontado de ElRey meu
„ Senhor me naõ querer honrar nesta viagem, que faz con-
„ tra os infieis, porque a coufa que eu mais dezejo he ga-
„ nhar honra por minha propria maõ: e porque vejo o
„ tempo disposto, e a empreza taõ santa, e taõ honroza,
„ vos digo que de todo estou determinado por qualquer
„ modo que seja seguir a ElRey meu Senhor, e acompa-
„ nhallo, do que elle naõ deve haver desprazer; e por-
„ que eu receyo por alguns respeytos que terà por justos,
„ que me negue isto, e com razoens mo queyra estorvar,
„ as quaes minha pouca idade, misturada com a muyta o-
„ bediencia que lhe tenho, naõ ousaria, nem saberia re-
„ plicar, vos peço, e rogo, Conde, que deis disto
„ conta a Sua Alteza, e façais tanto que delle me tragais
„ o prazme, porque se mo elle nega, sabede certo que
„ de duas coufas se ha de seguir huma, ou que de despra-
„ zer hey de cahir em alguma grave doença, ou depois de
„ Sua Alteza partido o hey de seguir, e se naõ for como
„ Principe, sera como hum aventureyro soldado,, O
„ Conde naõ menos attonito das vivas razoens do Principe,
„ que alegre de ver nelle taõ generoso animo, lhe disse,,
„ Senhor, como a vontade do que me tendes dito naõ
„ penda da minha, se naõ da de ElRey vosso pay, naõ
„ tenho que vos responder, nem razaõ que possa dar acer-
„ ca do que tendes determinado; mas isto vos peço, que a-
„ quillo que por ventura ElRey poderia altercar comigo,
„ contrariando o que pedis, vos praza que ambos o pra-
„ tiquemos, porque do discurso das replicas que tivermos
„ me resolverey nas razoens que lhe hey de dar, naõ se
„ inclinando a vosso requerimento: vòs Senhor sois mo-
„ ço, unico herdeyro destes Reynos, casado á pouco, que
„ saõ] tres pontos, porque as leys Divinas, e humanas
„ vos escuzaõ de sahirdes fóra da vossa casa a fazer guerra
„ em terras estranhas. A estas tres razoens se ajunta a
„ „ quar-

„ quarta , que sobre todas se deve receber , a qual he que
 „ com a hida de ElRey , e vossa , ficaõ estes Reynos orfã-
 „ os de legitimo herdeyro , se a fortuna nesta viagem vos
 „ respondesse ao contrario do que cuydais , ora seja assim
 „ que vossa hida possa por qualquer modo que for parecer
 „ licita , e necessaria , e que della se deva seguir grande
 „ bem a estes Reynos , e a todos os que com voisco forem:
 „ mas quando isto fosse , naõ poderia por boa razã ser ,
 „ se naõ ficando ElRey vosso pay no Reyno , no qual
 „ quando Deos ordenasse outra cousa de vòs , tem idade
 „ para se casar , e haver fruto de bençaõ para o bem , e
 „ amparo de nòs outros todos , e desta vossa terra , mas pois
 „ elle vuy em pessoa , e em sua hida naõ pòde haver e tor-
 „ vo , eu haveria por bom conselho que vòs Senhor ficaf-
 „ seis em companhja da Princeza vossa mulher , cuja no-
 „ va idade , e matrimonio , e naõ terdes ainda della filho ,
 „ nem filha , seraõ causa della tomar desta vossa hida tanto
 „ desprazer , que facilmente podereis de todo ser causa ,
 „ e azo principal de sua morte , Ouvindo o Principe o
 „ discreto modo , que o Conde teve em replicar a seu pro-
 „ posito , continuando no dezejo que tinha lhe disse „ que
 „ do que tocãra acerca dos desgostos da Princeza , que os
 „ homens nas cousas que muyto lhe compriaõ , se de feyto
 „ eraõ homens , naõ deviaõ ter nenhuma conta com as ten-
 „ çoens , nem dezejos das mulheres , as quaes eraõ sem-
 „ pre mais inclinadas a seus particulares appetites , e von-
 „ tades , que a toda boa razaõ , e honra de seus maridos ;
 „ que quanto a elle ser moço , que nessa parte lhe pare-
 „ cia que tinha melhor causa , porque a arte da guerra , na
 „ qual a experiencia he a que mais se requiere , naõ se podia
 „ aprender bem , se naõ na mocidade , e no que tocava á
 „ luccessãõ do Reyno , posto que filho naõ tivesse , soubesse
 „ de certo , e que assim o podia dizer a ElRey seu Senhor ,
 „ que a taõ honradas heranças nunca faltãraõ taes her-
 „ deyros , quaes lhes a ellas convem , porque em ta-
 „ manhos casos Deos , a cuja providencia tudo he presen-
 „ te , sempre ordena o que he mais seu serviço , tanto
 „ pa

„ para bem dos Reyuos , como dos Reys delles , o qual
 „ per sua infinita bondade terá a cargo estes , como até-
 „ gora sempre o fez,, O Conde mais admirado do replicar
 do Principe , que do que de antes propuzera , lhe disse
 „ que a primeyra cousa que fizesse , seria dar conta a El-
 „ Rey do que Sua Alteza lhe tinha dito, e trabalharia tudo
 „ o que nelle fosse em lhe trazer boa resposta de seu reque-
 „ rimento ,, o que assim fez , porque do recado , que o
 Conde deu a ElRey , e pratica que com elle teve , resultou
 haver o Principe a licença , que tanto desejava.

CAPITULO XX.

*Da desavença que houve entre estes Reynos , e os de
 Inglaterra neste tempo.*

E LRey D. Duarte de Inglaterra , fetimo deste nome ,
 começou a reynar no anno do Senhor de 1461. o
 qual teve grandes guerras com ElRey D. Luiz de França
 XI. deste nome. Estes dons Reys tendo suas Armadas jun-
 tas em Piequingui por evitarem mais males dos que de
 humia , e de outra parte eraõ feytos , se concertáraõ no
 anno do Senhor de 1478. ficando os Reys de França obri-
 gados a pagar cada anno aos de Inglaterra cincoenta mil
 escudos do Sol pela auçaõ que tinhaõ no ducado de Aquit-
 tania , ou Guiena , a que tambem chamaõ Gasconha. Du-
 rando estas guerras hum Cossayro Inglez , por nome Phoc-
 cumbrix , homem nobre , sobrinho do Conde de Varcique
 graõ Senhor em Inglaterra , no mesmo tempo em que se
 ElRey D. Affonso fazia prestes para hir sobre Arzilla ,
 roubou no canal de Inglaterra doze nãos Portuguezas ,
 que vinhaõ carregadas de mercadoria de Flandès para es-
 tes Reynos , sem lhes deyxar mais que os calcos , e man-
 timentos para seguirem sua viagem , do que ElRey cer-
 tificado , como era animozo , e sofria mal qualquer affron-
 ta que se lhe fizesse , ou aos seus , quizera mandar aquella
 Armada toda contra os Inglezes , tendo já elegido por
 Ca-

Capitaõ della D. Joaõ filho do Duque de Bragança, que depois foy Condestavel destes Reynos, e Marquez de Montemor. Mas tornando ElRey sobre si com conselho que sobre esta mudança teve, por justos respeytos tornou a proceder em seu primeyro proposito de passar a Africa; com tudo mandou logo sobre este caso seus Embayxadores a Inglaterra, e recados ao duque Philippe de Borgonha, casado com Madama Isabel sua tia, sobre a restituicaõ destes bens, no qual caso nem o Duque de Borgonha por seus Embayxadores, que a isso mandou a ElRey de Inglaterra, nem os Embayxadores de ElRey puderão acabar, nem alcançar despacho algum, no que se procedeo, até que ElRey movido da semrazaõ que se lhe fazia, depois que tornou de Arzilla mandou publicar, e apregoar guerra géral contra ElRey de Inglaterra, e por carta dada em dez dias de Dezembro deste anno de 1471. deu licença para q̄ seus vassallos, e fogeytos pudessem livremente reprezar sobre os Inglezes, no que os nossos tiverão taõ boa maneyra com os danos que fazião aos Inglezes, que ElRey D. Duarte de Inglaterra mandou sobre isso a estes Reynos seus Embayxadores, donde se seguiu restituicaõ dos bens roubados, paz, e amisade até o dia de hoje: mas nisto ha hum duvida, porque o Chronista na Chronica deste magnanimo Rey D. Affonso diz que estando elle determinado mandar esta Armada contra os Inglezes, deyxou de o fazer por lhe vir recado que este Rey que entaõ reynava, era morto em batalha por ElRey Duarte, e assim o Conde de Varcique, e que logo por suas embayxadas mandou requerer a restituicaõ destes bens roubados; no que o dito Chronista se enganou, porque ElRey Duarte setimo, em cujo tempo se estas doze naõs roubáraõ, viveo, e reynou até o anno do Senhor de 1483. no qual faleceo aos nove dias de Abril, deyxando entre outros hum filho herdeyro, por nome tambem Duarte, que poucos dias depois foy morto sem ser coroado, como logo direy, e nestes dous Duartes pay, e filho se enganou o Chronista, contando-os ambos
por

por hum, em vida do qual Duarte sete annos antes que falecesse foy este roubo, cuja restituicão se fez logo, por ElRey D. Affonso lhe querer mover guerra; e o Rey de Inglaterra que foy morto em batalha, era irmaõ deste Duarte, e se chamava Ricardo, que foy homem mào, e perverso, e fez muytos males, e cruezas antes, e depois que reynou, entre os quaes foy matar o sobredito Principe Duarte, filho de seu irmaõ ElRey D. Duarte setimo já defunto, e outros filhos que delle ficáraõ, o qual foy coroado por Rey no mesmo anno de 1483. aos seis dias de Julho, dous mezes e 27. dias depois do falecimento do dito Rey D. Duarte seu irmaõ: pelas quaes cruezas, e outros males que fez, os nobres, e povos do Reyno se levantaraõ contra elle, e foy morto na batalha de Estoque no anno do Senhor de 1486. aos dous annos, e dous mezes de seu reynado, por cuja morte reynou Henrique setimo deste nome, pay de ElRey Henrique oytavo, que casou com a Infanta Dona Catharina, filha de ElRey D. Fernando, e da Rainha Dona Isabel Reys de Castella, e Aragaõ, dos quaes dous Principes se tratará adiante no discurso desta Chronica.

CAPITULO XXI.

De como ElRey partio de Lisboa, e do que passou até ancorar diante da Villa de Arzilla

A Determinaçãõ, que ElRey tomou sobre levar o Principe comsigo, naõ foy taõ facil, que sobre isso depois de lhe ter dado o prazme, naõ houvesse differentes pareceres; com tudo o Principe teve taes modos, e meynos, que sua hida se lhe naõ pode estorvar, o que assim assentado, ficando a Princesa Dona Leonor por Regente, e o Duque de Bragança por Presidente do Conselho, ElRey mandou com muyta brevidade fazer prestes sua Armada; e porque sabia que entre alguns senhores, e outras pessoas qualificadas, que com elle hiaõ havia odios,
H
e mal

e mal querenças, pelos quaes andavaõ alguns delles excomungados, e lhes eraõ por isso interditos os Sacramentos da Igreja, mandou que nenhum dos taes o acompanhasse, sem primeyro se reconciliar com os que tinha odio, ou delavença, o que todos assim fizeraõ. Nesta viagem ordenou ElRey que só os Condes levassem cavallos, por não haver por entaõ necessidade disso, e ter por escusada a despeza, que com elles se poderia fazer. Da Armada, que se fez na Cidade do Porto, deu ElRey cargo a D. Fernando Duque de Guimarães, filho do Duque D. Fernando de Bragança, o qual chegado com esta Frota a Lisboa, partio logo toda a Armada de Restello aos quinze dias do mez de Agosto do anno do Senhor de 1471. e dous dias depois que partio chegou com bom tempo á Villa de Lagos, onde achou prestes a Armada do Reyno do Algarve, no qual lugar estava esperando D. Duarte Conde de Vianna, que de Alcacere alli era vindo por mandado de ElRey; na qual Armada havia entre nãos grossas, galeoens, galez, fustas, e outros navios de carga trezentas e trinta e oito vellas, e gente de guerra nobre, e soldados sem a marinagem, e outra gente de serviço, vinte e quatro mil homens. O que toda esta taõ grossa Armada fez de custo porey aqui, para que se veja a mudança dos tempos, e dos preços das coulas, o qual foy de cento e trinta e cinco mil dobras de outro, segundo achey por memoriaes feytos por D. Vasco de Ataide Prior do Crato, que fez a que se ordenou em Lisboa, e tomou as contas de toda, assim da hida como da vinda, e na que se fez para a tomada de Alcacere, de que elle tambem tomou as contas, se despenderaõ cento e quinze mil dobras, gasto taõ moderado para o que não sey se bastaria agora hum conto de ouro, para cada huma destas Armadas, segundo a desordem cresceo em todas as coulas, e a cobiça nos officiaes dos Reys. E tornando á viagem, tanto que ElRey chegou a Lagos, sem mais esperar partio ao outro dia depois de ouvir Missa e pregação, no fim da qual disse publicamente que o lugar, sobre que hia, era

Ar-

Arzilla, onde chegou com toda a Armada aos vinte dias do mez de Agosto já de noyte.

CAPITULO XXII.

Do sitio, e antiguidade da Villa de Arzilla.

POis já tratey do sitio, fundação, e poder da Villa de Alcacere, e da grandeza, antiguidade, nobreza, e sitio da Cidade de Seuta, razão he que diga alguma cousa da antiga nobreza, e costumada cavallaria desta Villa de Arzilla, á qual os Mouros chamaõ em sua lingoagem Azella, e dizem (segundo o contaõ suas historias) que foy fundada pelos Romanos no mesmo lugar onde agora está, que he na costa do mar Oceano 17. leguas do Estreito de Gibraltar. Esta Villa foy em tempo dos Romanos fogueita ao Senhor de Seuta, que era tributaria aos mesmos Romanos, e depois foy tomada pelos Godos, que nella tiveram sempre seus Capitaens, a cuja obediencia esteve até o anno da Egezira, e conta dos Mouros, e Arabios de noventa e quatro, que foy tres annos depois da perdição de Hespanha, e de Seuta ser tomada pelos Mouros, por onde se mostra quanto forte, e poderosa era esta Villa, que sendo Seuta de Mouros, e Hespanha ganhada delles, a tiveram Christãos contra o poder de tanta Mourisma, taõ chea de vitorias do sangue Christão por tanto espaço de tempo; em poder dos quaes Mouros esteve prospera, assim de armas, como de letras, e mercadorias por espaço de duzentos e vinte annos, até que por exhortação dos Reys da Hespanha descendentes da geração dos Godos foy cercada de huma grossa Armada de Inglezes, e tomada com grande dano, e perda, que de huma, e outra parte se fez, e pela muyta gente, que no cerco os Inglezes perderaõ, como he gente aspera nas coulas da guerra, e que sofre mal as perdas, e affrontas, que nella recebe, a destruireaõ de todo, e matáraõ a ferro, e fogo toda a gente que nella havia, sem deyxarem vida a pessoa alguma, e af-

fim esteve destruida, e deshabitada quasi por espaço de trinta annos: mas passado este tempo, e reynando em Mauritania os Senhores, e Pontifices de Cordova, foy de novo por elle edificada de melhores, e mais fortes, e magnificos edificios do que antes era, e creceo em riqueza, e grandeza, havendo nella muytos homens, muy letrados, e muytos mais de guerra, que continuamente faziaõ estragos por mar no Reyno de Hespanha, que entaõ era de Christãos vizinhos ao mar, e de que os fronteiros de Seuta, e de Alcacere, depois que foraõ ganhadas dos Portuguezes, recebiaõ muytos, e continuos danos. Nesta prosperidade esteve até que a ElRey D. Affonso ganhou, como se logo dirá. A Comarca desta Villa he muy fertil tanto, que poucas daquella costa de Africa lhe fazem ventagem, assim de frutas, como de sementeyras, das quaes he taõ abastada, quanto he notorio aos Portuguezes fronteyros, que nella em nosso tempo estiveraõ, e habitaraõ até se largar aos Mouros. No tempo que a ElRey foy cercar, reynava ainda em Fez Eslerif Moley Abdelac, contra o qual se levantou hum Senhor por nome Saic Abra, e o veyo cercar em Fez, mas Eslerif o desbaratou por conselho de hum seu Capitaõ, e conselheyro, que era primo com irmaõ do dito Saic. E tendo ElRey Eslerif mandado depois deste guerra aquelle seu Capitaõ e conselheyro a Temezara a pacificar aquella Comarca q̄ se lhe alevantára, Saic Abra tornou com oytto mil de cavallo Arabios, e outra gente de pè, e cercou Fez a nova, e depois de a ter cercada por espaço de hum anno, os Cidadãos della naõ podendo já soffrer os trabalhos do cerco, se concertaraõ secretamente com elle, e lhã entregaraõ, e Eslerif se foy com toda sua familia ao Reyno de Tunes. Neste anno, em que Saic tinha cercada Fez a nova, veyo ElRey D. Affonso sobre Arzilla, e a tomou, e cativou duas mulheres de Moley Xequê, graõ Senhor entre os Mouros, que por causa de se lhe levantar a Provincia de Habat, que era sua, vivia entaõ em Arzilla, cujo Senhor era; o qual depois foy Rey de Fez, onde nel-

neste tempo estava por respeito da guerra, que Saic fazia a esta Cidade, e Reyno e cativou mais ElRey D. Affonso hum seu filho por nome Mafamede, e huma filha, ambos de idade de sete annos, e os trouxe cativos a estes Reynos, onde Mafamede esteve sete annos, a quem os Mouros por saber muyto bem a lingua Portugueza chamavaõ Moley Mafamede o Portuguez, o qual sendo já Rey veyo cercar duas, ou tres vezes Arzilla com grande poder, e dezejo de a tomar, como lugar de seu nascimento, e em huma dellas, reynando nestes Reynos ElRey D. Manoel, ganhou a Villa, e os nossos se recolheraõ ao Castello, e segundo o contaõ os Escritores Arabios, fizeraõ concerto com ElRey Mafamede que se dentro em dous dias lhe naõ viesse soccorro, lhe entregariaõ o Castello, salvas as vidas, e os bens; mas Deos por sua misericordia naõ quiz que cousa taõ importante á Christandade se tornasse por entaõ a possuir por infieis: porque foy soccorrida dentro destes dous dias dos nossos, e affim dos Castelhanos, cujo Capitaõ era Pedro Navarro, homem muy esforçado, e pratico nas cousas da guerra, do que na Chronica de ElRey D. Manoel, como em seu proprio lugar trato mais por extenso. E pois tenho dito o que pude alcançar dos casos, sitio, e antiguidade de Arzilla, tempo he (ainda que em parte anticipasse o fio, e ordem da historia) que torne ao que ElRey D. Affonso fez depois de ter lançada ancora diante desta Villa.

CAPITULO XXIII.

De como ElRey desembarcou com sua gente, e mandou logo cercar a Villa.

A Mesma noyte, em que ElRey chegou a Arzilla com toda sua Armada, teve conselho sobre o modo da desembarcaçaõ, e cerco, q̃ lhe queria pór, no qual depois varios pareceres, foy concluido que em amanhecendo, D. Alvaro de Castro Conde de Monsanto, e o Conde de Ma-

Marialva D. Joaõ Coutinho sahillem em terra com a gente, que para isso lhes foy ordenada, e que como chegafsem á praya, abalasse ElRey com toda sua companhia, e cousas necessarias para o cerco de maneyra, que no mesmo dia se assentasse de modo, que a Villa naõ pudesse ser soccorrida, nem della pudesse sahir pessoa alguma; e como estes dous Condes eraõ pessoas de graõ recado, e muy dezejozos do serviço de ElRey, ordenáraõ tudo taõ bem, que em rompendo a alva com barcas, bargantiz, e outros navios de remo chegáraõ á praya; mas como o desembarcadouro daquella Villa seja aspero, e tenha más entradas, e perigozas, e neste tempo com tormenta o mar andasse de levadio, naõ se podiaõ tanto ajudar do remo, que as vagas delle lho naõ estorvassem; pelo que, posto que fosse antes do tempo limitado, ElRey se embarcou logo com o Principe nos navios, que o estavaõ esperando, fazendo remar com tanta força, que em breve espaço chegou ao perigo, em que os Condes andavaõ, no qual sem nenhum medo lhes quiz ser igoal companheyro; o que visto pelos da Armada, naõ ficou pessoa, que ou nos navios, que eraõ de qualidade para poderem chegar á praya, ou em bateis naõ seguisse logo ElRey, e assim todos pelejando com a furia domar, e braveza dos ventos trabalháraõ tanto atè que chegáraõ a terra, mas isto naõ se fes sem grande perda: porque se alagou huma galè, e outros navios, e bateis, e em que se affogáraõ mais de duzentos homens, de que oyto eraõ Fidalgos, cujos nomes naõ achey escritos, a qual negligencia he muyto para reprehender nos Chronistas daquelle tempo, porque de nomes de taes pessoas se hade fazer sempre mençaõ por bem, e honra das linhagens, e familias. Mas tornando a ElRey, tanto que desembarcou, sem esperar o palanque, que vinha na Armada, o qual por causa da tormenta senaõ pode logo trazer, mandou assentar seu arrayal, e assegurallo com cava, bastioens, e outras cousas, que para o tempo, e qualidade do lugar lhe pareceraõ necessarias; o que tudo se fez sem os

da

da Villa fazerem nenhuma resistencia , posto que dentro houvesse muyta , e boa gente de guera , como depois se vio nos combates , que lhe deraõ.

CAPITULO XXIV.

De como se começou o combate , e a Villa foy entrada sem ElRey o saber.

A Tormenta preseverou tanto , que o palanque se não pode trazer a terra , nem mais que duas bombardas ; mas como ElRey era apressado em seus negocios , principalmente nos da guerra (na qual a diligencia não taõ sómente resiste á fortuna , nas ainda a vence) mandou logo dar o combate , e tirar á Villa com duas bombardas , com que derrubaraõ dous lanços do muro em espaço de tres dias continuos , e no seguinte , que era em dia do Apostolo S. Bartholomeu 24. do mez de Agosto , em amanhecendo , os da companhia de D. Alvaro de Castro , Conde de Monfanto , cuja era a guarda da estancia da banda do Castello , viraõ sobre as ameaas de huma das torres huma bandeyra em modo de paz , pelo que o Conde mandou fazer final aos de dentro , para seguramente poderem fahir , e dizerem o que queriaõ ; o que assim se fez , dando-lhe da parte do Alcayde recado , para sobre seguro vi-rem fallar em concerto de pazes , o que logo o Conde mandou dizer a ElRey , a quem respondeo que desse ao Alcayde todas as seguranças , que lhe pedisse para se ver com elle. Andando estes recados de huma , e de outra parte , se teve por sospeyta , que alguns dos Capitaens , e gente mais inclinada á vitoria misturada com fangue , que á paz , e concordia , tendo-se por affrontados de ElRey cobrar a Villa por concerto , acomettraõ com tanta furia pelas partes , por onde o muro estava derrubado , que subitamente entraraõ pelo alto delle ; ao que os Mouros (que de tal caso estavaõ descuydados por causa do concerto , que de ambas as partes se tratava) acodiraõ com
muy-

muyta pressa, defendendo o muro tanto; quanto a fortuna em caso taõ subito lhes quiz conceder; mas os nossos, como já tivessem presuposto de antes morrer, que tornarem ante ElRey sem a vitoria, que sem seu mandado determináraõ naquelle dia alcançar fizeraõ recolher os Mouros para dentro de maneyra, que posto que a entrada a muytos delles custasse a vida, e a muytos mais o sangue, elles fizeraõ franca aos que os seguiaõ de modo, que a Villa foy entrada antes de ElRey o saber; do que sendo certificado, pedio com grande pressa o capacete, porque das outras peças necessarias andava sempre armado, e fazendo o Principe o mesmo, se foraõ ao lugar, por onde a Villa se acometera; e porque as entradas, que se fizeraõ no muro, naõ eraõ tamanhas, porque bem pudesse caber tanta gente, quanta se requeria, e a grita, e brados eraõ dentro na Villa taõ grandes, que ElRey podia com razaõ cuidar ser muyto necessario acodir aos seus, mandou pór aos muros algumas escadas, que já eraõ tiradas em terra, porque subio muyta gente, de que alguns acodiraõ ás portas da Villa, e as abriraõ, por onde ElRey, e o Principe logo entráraõ, com o qual soccorro naõ podendo os Mouros mais resistir ao impeto dos nossos, se recolheraõ huns á Mesquita, e outros ao Castello, lugar muyto forte, nos quaes posta boa guarda, ElRey com os seus deraõ muytas graças a Deos por taõ bom principio de vitoria, posto que fosse com perda, e dano dos seus.

C A P I T U L O XXV.

De como a Mesquita foy entrada, e da brava peleja, que sobre isso houve.

DEpois que ElRey ganhou a Villa, mandou ao Conde de Monfanto, a quem, como atraz dislemos, era encomendada a estancia do Castello, que tivesse grande vigia na porta secreta, a que chamamos da traiçaõ, de

de maneira , que por ella não pudessem fahir os Mouros , e elle se foy á Mesquita , que achou com as portas fechadas , e taõ bem trancadas , que posto que os nossos muyto trabalhassem pelas quebrar com machados , e outros petrechos , o não puderaõ fazer ; o que ElRey vendo , mandou aparelhar vayvens de tanto pezo , e grandeza , que com a força da gente , que a isso se poz , foraõ logo rachadas em pedaços , e derrubadas , por onde entráraõ muytos dos nossos ; mas elles não acháraõ o passo taõ facil , como cuydavaõ , porque os Mouros , como homens desesperados da vida , os receberaõ de modo que logo alli matáraõ alguns , e feriraõ muytos ; com tudo a peleja se travou de maneira , que elles foraõ de todo confrangidos a deyxar a porta , retirando-se pera largo da Mesquita , onde a peleja se renovou de maneyra , que mal puderaõ os nossos crer que em gente já vencida houvesse tanto esforço. Vencidos assim os Mouros , os que delles ficáraõ vivos , que foraõ muy poucos , excepto mulheres , e meninos , que estavaõ escondidos pelos cantos da Mesquita , mandou ElRey que se puzessem a bom recado , e para mayor segurança se levassem ao arrayal. Entre os Fidalgos , que aqui morrerãõ , foy D. Joaõ Coutinho , Conde de Marialva , cuja morte ElRey , e o Príncipe com todo o Reyno sentiraõ muyto , e com razaõ : porque elle era hum dos nobres , liberaes , e esforçados Cavalleyros , que naquelles tempos havia em toda Hespanha.

CAPITULO XXVI.

De como ElRey tomou o Castello , e do que no combate delle se passou.

Ganhada a Mesquita , ficava o Castello , lugar muy forte , e bem provido de muniçoens de guerra , em que estava recolhida muyta gente nobre , do que ElRey certificado pelos cativos , receando que lhes viesse soccor-

ro, o mandou logo combater, e pôr as escadas ao muro, pelas quaes começaraõ a subir taõ denodadamente, que os Mouros desconfiados de suas forças trabalhavaõ de se recolher ás torres, cuydando estar nellas mais seguros; mas os que entráraõ, os levavaõ taõ sem medo diante de si, que poucos delles pela estreyteza das portas se puderãõ acolher a ellas, o que tambem causou fecharem-lhas os que estavaõ de dentro de modo, que pelejando se traváraõ de maneyra, que afferrados huns com os outros, cahiraõ os mais delles em tropel pelas escadas do muro atè virem dar no pateo do Castello, onde estava a mayor força da gente, que da Villa dentro nelle se recolhera, e alli foraõ tantos os mortos, e feridos de huma parte, e da outra, que por nenhum lugar do pateo se pôdia dar passo, que naõ fosse sobre sangue, ou corpos derrubados vivos, ou mortos. Os nossos como foraõ no pateo, alguns delles acodiraõ ás portas do Castello, e as abriraõ, por onde logo ElRey, e o Principe entráraõ, e naõ foy taõ tarde, que ainda naõ achassem bem em que entender: porque a peleja era taõ brava, que diante de ElRey, e do Principe alguns dos nossos perdendo as vidas receberãõ o extremo galardãõ de suas honras. Entre os que aqui morrerãõ foy D. Alvaro de Castro Conde de Monsanto, o qual acodindo ao chamado de hum Mouro, que estava em hum cobello, dizendo que se o salvasse, lhe daria grande resgate, sem outro tento, nem segurança subio por huma escada, e em chegando ao cobello, o Mouro lhe cortou a cabeça do primeyro golpe, cuja morte sentiraõ os nossos tanto, que a nenhum dos Mouros, que alli se acháraõ, se deu a vida. Alguns dizem que estando elle em huma torre do Castello com o capacete fóra da cabeça, veyo huma setta como perdida, e lhe deu na cabeça, de que logo morreo; seja como quer que for, elle fez o fim de seus dias no serviço de Deos, e de seu Rey. Acabada assim esta cruel peleja, em que o Principe se houve muy valerosamente, mais como soldado, que como Principe unico herdeyro,

os Mouros, que estavaõ na torre da homenagem, e em outras, desesperados do soccorro confiados da clemencia de ElRey, por salvarem as vidas, se entregáraõ a sua mercè. O numero dos cativos passou de cinco mil, entre os quaes foraõ duas mulheres de Moley Xeque, e hum filho, e huma filha, ambos de idade de sete annos, como atraz no Capitulo da descripçaõ de Arzilla fica dito, dos quaes as mulheres, e filha, como adiante se dirá, foraõ dadas por escaimbo dos ossos do Infante D. Fernando, e pelo resgate do filho dizem os Escritores Arabios que deu Moley Xeque a ElRey Dom Affonso grande somma de dinheyro; com tudo os nossos dizem que ElRey lhe mandou o filho livremente, a qual liberalidade foy unica causa de o dito Moley Xeque deyxar taõ facilmente o cerco de Graciola, como fez reynando já o Principe D. Joaõ. Dos Mouros, que se acharaõ assim na Villa, como na Mesquita, e Castello, morreraõ mais de dous mil, os quaes com os que ficaraõ vivos naõ foraõ ociosos em defender suas vidas, e moradas; pelo que he de crer que dos nossos morreraõ assaz neste combate, o que os Chronistas, cuidando de nisso acerescentarem o louvor dos Portuguezes, por ventura naõ quizeraõ declarar; mas taõ grande vitoria alcançada sem perda do victoriozo, seria abatimento, e se poderia dizer com razaõ ser de mulheres armadas, ou de homens fracos, e desarmados, o que estes naõ eraõ, se naõ muyto bem armados, e muyto animozos, do que se seguiu, como he verdade, que alem dos Condes de Marialva, e Monfanto, que os nossos Escritores nomeaõ, morreraõ outros muytos na tomada desta Villa, dos quaes se nomearaõ os que por nobreza, e valentia mereciaõ ser com louvor declarados, deraõ nisso melhor cor á historia, que escreveraõ, e grande louvor ás familias dos que em taõ notavel, e gloriozo feyto acabaraõ suas vidas. Acharaõ-se na Villa cincoenta Christaõs cativos, a quem esta memoravel vitoria restituhio a liberdade, que os mais delles havia muyto tempo que a

tinhaõ perdida: o outro despojo foy estimado em mais de oytocentas mil dobras de ouro, do qual ElRey fez escala franca aos do exercito, sem dislo querer para si cousa alguma, no que bem mostrou sua grande liberalidade, como sempre o fez antes, e depois em muytas partes.

C A P I T U L O XXVII.

De como depois de acabado o combate do Castello, ElRey foy à Mesquita, e armou o Principe Cavalleyro.

TOmado o Castello, ElRey se foy logo à Mesquita, à porta da qual o estava esperando o seu Capellaõ mór, e outros de sua Capella em procissãõ, cantando Hymnos, e Psalmos, com que foraõ para dentro, onde achãõ o corpo de D. Joã Coutinho, Conde de Marialva, e sobre elle huma Cruz, a que fizeraõ oraçaõ em memoria do triunfo, com que Christo nosso Salvador nella venceo o demonio, capital inimigo de geraçaõ humana. Feyta a oraçaõ, parecia a ElRey que nenhum lugar, nem lazaõ poderia achar mais conveniente para armar o Principe Cavalleyro, que aquelle; peloque precedendo algumas ceremonias ao tal acto necessarias, pondo o Principe os joelhos no chaõ, ElRey lhe tirou a espada da bainha, dizendo-lhe em alta voz: „ Filho, grande dom recebemos „ hoje de Deos nosso Senhor, pois além de dar em nossas „ mãos huma taõ nobre, e forte Villa, deu sobre isto azo „ para poderdes devidamente entrar na Ordem da Cavalla- „ ria, e serdes armado cavalleiro de minha mão, vosso „ Rey, e vosso pay: porèm antes que isto seja, he bem „ que saybais que Cavallaria he virtude misturada com „ poder horrorozo, segundo natureza muy necessario, „ para com elle por paz na terra, quãdo cobiça, ou ty- „ rannia com dezejo de reynar inquietaõ os Reynos, Ref- „ publicas, e pessoas particulares; o instuto, e Regra da „ qual obriga os Cavalleyros a deporem de seus Estados „ os Reys, e Principes, que naõ guardaõ justiça, e por „ em

» em seus lugares outros da mesma ordem, q̃ o façãõ bem
» e verdadeyramente; tambem saõ obrigados a guardarem
» lealdade a seus Reys, Senhores, e Capitaens, e aconselharem-nos bem: porque o Cavalleyro, que tem a fé obrigada, e naõ cumpre com ella, he como homem, a quem Deos deu razaõ, e naõ quer usar della: devem ser liberaes, e no tempo da guerra dar seus bens communs aos outros, salvo armas, e cavallos de suas pessoas, que estas se lhes reservãõ para com ellas ganharem honra: alêm disto saõ os Cavalleyros obrigados a morrer por sua Ley, e sua terra, e amparo dos desloccorridos; porque assi como a Ordem sacerdotal foy de Deos ordenada para seu culto Divino, assim a da Cavallaria foy por elle instituida, para se fazer justiça, e defender sua Ley, e soccorrer as viuvras, orfãos, pobres, e desamparados, e os que isto naõ fizerem, naõ se podem chamar Cavalleyros. E pois já vos tenho declarado os grandes encargos, e obrigações da Ordem de Cavallaria, agora vos pergunto se com taes condiçoens quereis entrar nella? Ao que o Principe respondeo que sim. Ora visto que vossa vontade he tal (perguntou ElRey) prometeis vós de guardar, cumprir, e fazer guardar o que vos tenho dito, com todos os outros bons costumes, foros, leys, e dereytos, que pertencerem à Ordem da Cavallaria? Sim, disse o Principe. Pois assim he (respondeo ElRey) eu vos armo, e faço Cavalleyro em nome de Deos Padre, Filho, e Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos; e tocando a cada hum destes Santos nomes com a espada o capacete, que o Principe tinha na cabeça, lhe disse: Filho, praza a Deos que haja por seu serviço serdes vós taõ bom Cavalleyro, como o foy D. Joaõ Coutinho, Conde de Marialva, cujo corpo ahi vedes jazzer morto com muytas feridas, que por serviço de Deos, e nosso hoje recebeo. E beyjando ElRey o Principe na face, o levantou pela maõ, o qual pondo outra vez os joelhos em terra, lhe beyjou a maõ com muyta reverencia; e logo no mesmo instante ElRey, e o Prin-

Principe armaraõ alli muytos Cavalleyros , que naquelle dia o tinhaõ bem merecido ; o que acabado , se recolheraõ aos apolentos , que no Castello lhes tinhaõ já concertados, onde passáraõ toda a noyte com grande guarda , e vigia , assi na Villa , como no arrayal.

C A P I T U L O XXVIII.

De algumas cousas , que ElRey fez , e ordenou os dias , que esteve em Arzilla.

P Assada aquella noyte , logo em amanhecendo mandou ElRey que os corpos dos Mouros mortos se enterrassem fóra dos muros , e que os Christãos se enterrassem na Melquita , e com isto mandou que a primeyra coufa , que a Clerisia fizesse , fosse ordenar as cousas necessarias para a consagração della , à qual cerimonia ElRey , e o Principe foraõ presentes , mudando o nome daquella casa profana em nome da Assumpção de nossa Senhora , para memoria do dia , em que ElRey partira de Lisboa. Como a Mesquita foy sagrada pro hum dos Bispos , que eraõ presentes , o nome do qual naõ achey escrito , nem dos outros , que nesta viagem foraõ , disse o mesmo Bispo a Missa de nossa Senhora em Pontifical , a qual acabada sem haver prégação , pelo tempo para isso naõ dar lugar , se disse outra de Requiem pelas almas dos defuntos com seu Responso, e antes dos corpos do Conde de Marialva , e Monsanto se lançarem à terra , ElRey sem tomar largos conselhos , deu a D. João de Castro , que ahi estava presente , o titulo de Conde de Monsanto , como seu pay D. Alvaro o tivera , e lhe deu todas as terras , Villas , e lugares pelo modo , e maneira , que foraõ do dito Conde ; e porque D. João Coutinho Conde de Marialva naõ tinha filhos , por esta nobre casa naõ ficar sem herdeyro , deu tambem titulo de Conde de Marialva a D. Francisco Coutinho seu irmaõ , e lhe outorgou todas as terras , Villas , e lugares do mesmo modo , que o Conde seu irmaõ

as

as possuhia. Todo o mais tempo, que ElRey esteve em Arzilla, fez muytas mercês, entre as quaes foy dar a Capitania daquella Villa a D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, filho de Dom Duarte de Menezes Conde de Viana, capitão, e Governador que fora de Alcacere, dos quaes atraz fica feyta larga menção.

C A P I T U L O XXIX.

De como Moley Xeque veyo a soccorrer Arzilla, e dos concertos, que entre ElRey, e elle se fizeraõ.

MOley Xeque andava occupado nas guerras de Fez no mesmo tempo, que ElRey D. Affonso veyo cercar Arzilla, como atraz fica dito; do que sendo certificado, partio com a mayor pressa, que pode para faccorrer aos que estavaõ dentro na Villa: mas em elle chegando a Alcacer quibir, lhe deraõ recado certo de como a Villa era já tomada, e suas mulheres, e filhos cativos, do que recebeo muyto nojo, e tristeza; com tudo como prudente, vendo que ElRey estava poderozo, e que lhe poderia fazer mais dano, do que já lhe tinha feyto, o que lhe seria grande estorvo para todos seus negocios, determinou mandar recado a ElRey, fazendolhe saber que seu dezejo era de verse com elle, e ser seu amigo; do que ElRey muy alegre lhe deu salvo conducto, e seguro para se verem; mas Moley Xeque depois de estar junto da Villa com trezentos de cavallo, que consigo trouxe, desconfiado do seguro, que ElRey lhe dera, receou verse com elle: com tudo por meyo de algumas pessoas, que para este negocio de ambas as partes se deputaraõ, vieraõ a tal concerto, que ElRey Dom Affonso ficasse Senhor pacifico de Seuta, Alcacere, e de Arzilla com todos seus termos, lugares, aldeas, e que dellas como Senhor recebesse seus tributos, limitando logo os termos, que a cada hum delles pertencia, e que isto fosse por espaço de vinte annos, que entre elles haveria treguas, que logo

ju-

juraraõ, e confirmaraõ com declaraçaõ, que estas treguas se entenderiaõ nos lugares chãos, e descercados sómente, e quanto às Villas cercadas a cada hum ficasse livre poder de lhes fazer guerra, e as tomar para si, sem as taes treguas se quebrarem, as quaes clausulas, e condições assentadas, escritas, assinadas, e selladas por ElRey, e pelo Principe, e por Moley Xeque, elle se tornou logo á guerra de Fez, em que (como já disse) entaõ andava occupado, donde por premio dos seus trabalhos esperava ser Rey, como ao depois pacificamente foy, e de todo o Reyno.

C A P I T U L O X X X .

Em que se trata como os Mouros, que viviaõ em Tangere, deyxaraõ a Cidade, e as causas, porque, e de sua antiguidade, e sitio.

SEndo os de Tangere certificados deste concerto, e de como Moley Xeque era tornado à guerra, e negocios da Cidade de Fez, em cuja ajuda, e poder tinhaõ posta a esperança do cobro de Arzilla, e da segurança de suas pelloas, bens, e Cidade, dezesperados de todo o soccorro por causa das discordias, q̃ havia em todo o Reyno, tendo receyo que ElRey D. Affonso os fosse cercar, e executasse nelles a vingança de tantos danos, estragos, cativeyros, e mortes, quantas naquelle lugar recebera a naçaõ Portugueza, elles de suas vontades, o mais secretamente que lhes foy possivel, despejaraõ a Cidade, levando suas fazendas para onde lhes pareceo, e a fortuna os guiou; mas as coufas, que não puderaõ levar, deyxaraõ danificadas demaneyra, que para nenhum serviço foraõ depois uteis, guardando-se de pór fogo a nenhuma dellas, por não serem lentidos. E porque esta Cidade he huma das que entre os Mouros se tem por mais antiga da Mauritania, não seria razaõ passar adiante sem della, e de sua nobreza, e antiguidade fazer algum discurso, pois por sua Cavallaria, e fortaleza foy antes de a havermos com
muitos

muito dano nosso não menos conhecida, e estimada, que temida. Esta inclyta Cidade de Tangere, a que os Mouros chamaõ Tangia, segundo dizem os Escriitores Arabios, foy no principio de sua fundação edificada no mesmo lugar, onde agora està, que he na costa do mar Oceano Atlantico junto da entrada do Estreyto de Gibraltar, ou Herculeo, e segundo opiniaõ de alguns destes Escriitores Arabios, foy edificada por hum grande Senhor chamado Sedded filho de Had, o qual Sedded, segundo elles dizem, foy Senhor de todas as Provincias de Africa, e Europa, e de algumas de Asia, e fez edificar huma Cidade, de que as paredes, e muros eraõ de metal fino, e os telhado cubertos de ouro, e prata sem outra mistura. A causa de ter tantos thesouros era, segundo elles escrevem, porque de todas as Cidades, que lhe eraõ logeytas, recolhia cada anno grandes rendas, direytos, e tributos, das quaes Cidades dizem estes Escriitores que era Tangere huma das principaes; mas esta opiniaõ reprovaõ outros Escriitores havidos entre os Arabios, e Mouros por mais verdadeyros, e dignos de fé, os quaes dizem que foy de novo edificada dos Romanos no tempo, que eraõ senhores de Granada, e Andaluzia, e que depois que os Godos subjugarãõ Hespanha, e parte da Mauritania, foy esta Cidade posta debayxo do senhorio de Seura, atè que ella, e Arzilla foraõ ganhadas dos Mouros, e em todos estes tempos foy sempre muy prospera, e abundante, e houve nella muytos Collegios, e exercicios de letras, e muytos Cavalleyros, muy destros na guerra, e casas magnificas, e paços de grandes Senhores de Mauritania. A comarca della não he muyto fertil, nem respondem bem as sementeyras; com tudo tem valles vizinhos à Cidade, que por causa das aguas, que por elles correm, saõ muyto ferteis, e abundantes de pasto, em que nos tempos passados havia muytos jardins, pomares, e vinhas; a qual Cidade dandolhe o tempo de rosto a poz debayxo de nosso jugo, e dominio, e aquillo que muytos tempos, e com grande poder de gente, e

com muytos trabalhos, e perdas, e despezas os Reys de Portugal não puderaõ alcançar, lhe concedeo a Providencia Divina em hum só momento sem ferro, nem sangue, o que aconteceo no mesmo anno da Egezira, e conta dos Mouros, e Arabios de oytocentos e oytenta e dous, em que Arzilla foy tomada. E tornando à nossa historia, tanto que a Cidade se despejou, ElRey D. Affonso foy disso avisado por dous Mouros, que por ganharem as alviças lhe vieraõ logo trazer as novas, do que ElRey não confiado por saber a fortaleza, e forças da Cidade, lhes deu a isso pouca fé, e os fez pôr em boa guarda, até que por outros Mouros, que vieraõ apoz estes, soube ser verdade o que os primeyros disseraõ, pelo que fez a todos mercê. O mesmo dia que ElRey isto soube mandou a D. Joaõ filho do Duque de Bragança, que depois foy Marquez de Montemor, que se fosse meter na Cidade com alguma gente de pé, e de cavallo, e que elle o seguiria logo, na qual entrou sem estorvo algum aos 28. dias de Agosto, quatro dias depois da tomada de Arzilla, dia em que a Igreja Romana celebra a memoria do bemaventurado Santo Aurelio Augustinho Bispo de Hippo Regio. Como D. Joaõ entrou em Tangere, avizou logo ElRey, e fez por todas as partes buscar o despojo que ficara, o qual foy de pouco valor, salvo alguns barriz de polvora, e bombardas grossas, e miudas encravadas, das quaes boa parte foraõ nossas. ElRey como recebeu recado de D. Joaõ, sem mais detença partio para Tangere sem o Principe, onde foy dos que já là estavaõ recebido com muyta alegria, da qual ElRey, segundo nelle se via, não dava grandes mostras; porque como era de invencivel animo, e de altos pensamentos, lembrandolhe da prição do Infante D. Fernando seu tio, e dos danos, e perdas que deste tempo, e do seu a nação Portugueza alli recebèraõ, parece que tomava por abatimento de sua Real pessoa ganhar huma tal Cidade, sem della lhe ficar nome de vencedor.

CAPITULO XXXI.

Do que ElRey fez os dias que esteve em Tangere , até que se fez à vela pera o Reyno.

A Primeira cousa que ElRey , e o Principe fizeraõ em entrando na Cidade de Tangere , foy hirem fazer Oraçaõ ante huma Cruz , que na Igreja , que já fora Mesquita , estava posta sobre hum altar ; e porque o Prior de S. Vicente defóra da Cidade de Lisboa , Conego Regrante da Ordem de Santo Augustinho , era Bispo da mesma Cidade de Tangere , ElRey lhe mandou logo dar a posse de seu Bispado , e lhe ordenou renda para manter honestamente seu habito , e officio Pastoral ; e como acabou de prover este negocio , e outras cousas Ecclesiasticas , a que elle era muy inclinado , entendeo nas seculares , necessarias á governança , e defençaõ da Cidade , e propósitos os requerimentos de muytas pessoas de grandes serviços , e valia , que lhe pediaõ a Capitania da Cidade , elle a deu com a governança a Ruy de Mello , seu Guardamôr , que depois por seus merecimentos foy Conde de Olivença , e alii renovou ElRey o titulo que tinha , e ordenou que em suas cartas se puzesse . Affonlo por graça de Deos Rey de Portugal , e dos Algarves , daquem , e dalem mar em Africa ; e do mesmo lugar notificou ao Papa , Reys Christãos , e ás Cidades , e Villas de seu Reyno o bom successo , que Deos lhe dera em sua viagem. Depois de ElRey ter provido todas as cousas necessarias , sem tornar a Arzilla , nem disto haver necessidade (porque de tudo a deyxou provida antes que viesse a Tangere) se embarcou aos dezaete dias de Setembro com o Principe , e se veyo ao Reyno com taõ bom tempo , que ao dia seguinte chegaraõ com toda sua companhia ao porto de Sylves , havendo trinta e cinco dias que partiraõ de Lisboa , os quaes Deos por sua misericordia lhe concedeo em tudo prosperos , e bem afortunados com muyta gloria , e louvor seu , e bem da Christandade ; do que a ma-

yor parte coube aos povos, Villas, e Cidades de Andaluza, que pela muyta vizinhança, que com todos estes lugares de Africa tem, recebiaõ cada dia muytas perdas, e danos, dos quaes já pela mayor parte ficavaõ seguros; pelo qual respeyto fizeraõ grandes alegrias, e bom recolhimento, e gálahado a alguns Portuguezes dos da Armada, que por terra se vieraõ para Portugal. ElRey, e o Principe como chegaraõ a Sylves, partiraõ logo por mar, e com sua Frota prospera, e salva entraraõ no porto de Lisboa, onde foraõ recebidos com procissoens, e grandes fessas, que em louvor de Deos, e lembrança de taõ assinalada vitoria por muytos dias se celebraraõ por todo o Reyno.

C A P I T U L O XXXII.

Em que brevemente se trataõ algumas cousas, que neste anno de mil e quatrocentos e setenta e hum passaraõ nestes Reynos.

DEpois de ElRey D. Affonso tornar ao Reyno, tendo já dada a governança das cousas de Africa ao Principe, as quaes elle com os do seu Conselho governava com muyto tento, e prudencia, lhe fez doçaõ das rendas da Alfandega de Lisboa, e dos tratos, e rendas de Guiné com a governança de tudo o que era até aquelle tempo descoberto, entrando elle já em idade de dezafete annos, os quaes tratos entaõ trazia arrendados Fernaõ Gomes da Mina por quantia de duzentos mil reaes, como atraz fica dito, e deu a Dom Joaõ Duque de Viseu seu sobrinho, filho do Infante D. Fernando, o officio de Fronteyro mór dantre Tejo, e Godiana, e a D. Fernando Duque de Guimaraens, filho de D. Fernando Duque de Bragança, deu poder para nas suas terras mandar por seus Officiaes guardar os portos, para que não sahisse para Castella ouro, nem prata, nem outras cousas de fezas. Neste anno de mil e quatrocentos e setenta e hum
fez

fez ElRey D. Affonso huma ley, porque defendeo que sem sua licença nenhuma pessoa de qualquer qualidade que fosse, tratasse no resgate da Malagueta, nem Gatos de Algalea, nem em Unicornios, segundo diz a carta, que está registrada nos livros da Torre do Tombo, donde parece que os ha naquellas regioens, pois sobre elles ElRey ordenou esta ley. Fez este anno mercé a D. Joaõ, filho de D. Fernando Duque de Bragança, da Villa de Montemor o Novo com toda sua jurdição, e que se podesse chamar Senhor della. E no mesmo anno fez Conde de Penella D. Affonso de Vasconcellos com todas as liberdades, que pertenciaõ a Conde descendente de sangue Real, as quaes liberdades tambem lhe outorgou para todos os que d'elle descendessem. Neste anno mandou D. Lopo de Almeyda com sua obediencia ao Papa Sixto Quarto, que succedeo na Sé Apostolica a Paulo Segundo. No mesmo anno a dez de Dezembro concedeo a seus Vassallos que pudessem livremente pelas coulas atraz tocadas reprezar sobre os Iglezes, de que depois se seguiu boa paz, e concordia entre estes Reynos, e os de Inglaterra; e porque ElRey naõ era menos justicozo, q̄ Cavalleyro, neste anno por erros que D. Alvaro Fernandes de Ilhó commetteo no officio, que servia de Juiz da caza do Civel, lhe tirou o officio, e lhe mandou confiscar toda a sua fazenda, e de ametade della fez mercé a D. Jorge da Costa Arcebispo de Lisboa, que depois foy Cardeal de Portugal, e da outra ametade a Pero Feyo, Fidalgo de sua caza, castigo que se os Reys muytas vezes dessem, seriaõ os officiaes de justiça, e de quaesquer outros officios mais attentados, e fieis em seus cargos, do que o por ventura saõ.

CAPITULO XXXIII.

Da mudança, que ElRey fez da casa, e estado da Infanta D. Joanna sua filha.

ELRey D. Affonso houve da Rainha D. Isabel sua mulher a Infanta Dona Joanna antes que o Principe D. Joaõ nascesse (como atraz fica dito) à qual filha deu casa do mesmo modo, que a trázia a Rainha sua may; e porque isto se não podia fazer sem grande despeza, a qual ElRei pelos muitos gastos, q̃ tinha feitos nas guerras de Africa, não podia supprir, determinou com seu Conselho de em habito secular, e com estado conveniente à sua pessoa a meter no Mosteyro de Odivellas sob guarda de Dona Filippa sua tia, filha do Infante D. Pedro; o que assim assentado, ElRei a foy vizitar com o Principe, e lhe disse o que no Conselho se ordenára acerca da ordem de sua casa, e modo do estado de sua pessoa; pelo que ella lhe beyjou a mão, dizendo-lhe que nisto lhe fazia grande merce, porque sua tenção, e vontade fora sempre de servir a Deos em Religiaõ, o que ElRey lhe louvou muito, promettendolhe que trabalharia tudo o que nelle fosse pela cazar com Principe, que conviesse á sua Real pessoa; do que ella fazendo pouco caso, lhe pediu que com brevidade a mandasse levar a Odivellas, ou a qualquer outro Mosteyro, que bem lhe parecesse; do que ElRei muy satisfeyto, se ordenou logo sua hida, e em Outubro do mesmo anno de mil e quatrocentos e setenta e hum, sendo ella de idade de dezoyto annos, a leváraõ ao Mosteyro de Odivellas, do qual foi depois mudada para o de Jesus de Aveyro, onde viveo até que Deos houve por seu serviço a chamar desta vida para a sempiterna, de idade de trinta e seis annos, deyxando de si singular exemplo de virtudes com hum nome de verdadeyra, e catholica christãa.

CAPITULO XXXIV.

De como os ossos do Infante D. Fernando foraõ trazidos de Fez, e de outras cousas, que nestes Reinos se passaraõ no anno de mil e quatrocentos e setenta e dous.

EL Rey D. Affonso dezejava muyto haver os ossos do Infante D. Fernando seu tio, e sobre isso mandou a Fez Diogo de Bayrros Adail mór tantas vezes até que veyo a concerto de se darem por escaimbo das duas mulheres, e filha de Moley Xeque. Isto assentado, com Diogo de Bayrros fazer todas as diligencias necessarias para sem engano lhe serem os ditos ossos entregues, elle os recebeu de Moley Belfaqueque, fechados em huma arca com dous fechos, a qual arca foy trazida com guarda, que El Rey de Fez para isso mandou até Arzilla; e porque El Rey D. Affonso era tal Principe, que toda a pessão lhe dezejava fazer serviço, esperando delle suas acostumadas merces, Moley Belfaqueque mandou em companhia de Diogo de Bayrros para mais segurança Moley Belfaca seu filho, a quem entregou a chave de hum dos fechos da arca, em que os ossos do Infante vinhaõ, porque a outra se deu a Diogo de Bayrros. Quando os ossos chegáraõ a Arzilla, já as mulheres, e filha de Moley Xeque alli estavaõ, das quaes com segurança de huma, e de outra parte se fez logo entrega; o que feito, Diogo de Bayrros com Moley Belfaca foraõ recolhidos na Villa com a arca dos ossos do Infante, que ambos trouxeraõ a estes Reynos à Cidade de Lisboa no anno de mil e quatrocentos e setenta e dous, onde foraõ recebidos com solemne procissão, e prégação muy devota, que sobre o cativeyro, e virtuosa vida do Infante fez o Mestre Affonso, Prior do Mosteyro de S. Domingos, no Mosteyro do Salvador, onde os ossos estiveraõ até que El Rey os mandou levar ao Mosteyro da Batalha; pelos merecimentos do qual Infante,